

O sistema vocálico do português arcaico nas Cantigas de Santa Maria

Juliana Simões Fonte

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONTE, JS. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 254 p. ISBN 978-85-7983-102-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

4

O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS ARCAICO NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*

Neste capítulo, apresentamos aspectos relacionados às vogais tônicas, pretônicas e postônicas do PA, a fim de confirmar ou não os sistemas vocálicos que os estudiosos, mencionados no capítulo 2, apontaram para o PA.

Vogais tônicas

No capítulo 2, mostramos que os estudiosos apontam, para o PA, um sistema vocálico constituído de sete vogais, em posição acentuada, que pode ser representado da seguinte maneira:

(4.1)

$$\begin{array}{cc} /i/ & /u/ \\ /e/ & /o/ \\ /ɛ/ & /ɔ/ \\ & /a/ \end{array}$$

Tendo em vista o que afirmaram os estudiosos sobre o sistema vocálico do PA, o que se pretende, neste capítulo, é verificar o que revelam os dados, coletados a partir da análise das CSM, a respeito

do sistema vocálico em posição tônica do PA. Em outras palavras, o objetivo é verificar em que medida o *corpus* analisado confirma (ou não) a ocorrência de sete vogais tônicas no sistema vocálico do PA.

Primeiramente, é preciso identificar os grafemas utilizados, no *corpus* em questão, para representar os fonemas vocálicos do PA. Com base na observação das CSM, presentes nas edições organizadas por Mettmann (1986a, 1988, 1989), foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição acentuada:

(4.2)

<a>
<e>
<i> e <y>
<o>
<u>

Conforme se pode observar, com exceção dos grafemas <i> e <y>, que representam, no *corpus* analisado, o fonema vocálico /i/, os grafemas identificados nas CSM (edição de Mettmann), para o PA, são exatamente os mesmos que se verificam para o PB atual.

O grafema <u> não apresenta grandes dificuldades de interpretação, uma vez que está representando um único fonema (/u/), se considerarmos, para o PA, o sistema vocálico anteriormente indicado, constituído de sete vogais em posição acentuada.

O mesmo pode-se dizer em relação ao grafema <a>, que estaria representando um único fonema (/a/). Contudo, como veremos mais adiante, alguns estudiosos (cf. Maia, 1997; Said Ali, 1964) consideram a possibilidade de haver, no PA, mais de uma realização fonética para a vogal /a/ (*a* aberto e *a* fechado), como ocorre no PE atual, em que há, por exemplo, duas realizações possíveis para a vogal baixa do sufixo *-amos*: uma para os verbos flexionados na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, e outra para os verbos, também na primeira pessoa plural, mas do pretérito perfeito do

indicativo; ou, para citar um exemplo do PB atual, quando a vogal /a/ aparece em determinados contextos nasais. Mais adiante, veremos o que nos revelam os dados do PA, coletados das CSM, a respeito do grafema <a> e suas possíveis realizações fonéticas naquele momento da língua.

No que diz respeito às vogais médias, há, no PA, assim como no português atual, apenas dois grafemas para representar os quatro fonemas vocálicos referentes às vogais médias anteriores e posteriores: /e, ε, o, o/, se considerarmos o quadro de sete vogais em posição acentuada que os estudiosos apontaram para o PA.

Pode-se dizer, então, que o que ocorre com os grafemas que representam as vogais médias do PA é exatamente o contrário do que ocorre com os grafemas que representam o fonema /i/, na medida em que há, para a vogal alta anterior (/i/), dois grafemas vocálicos representando um único fonema /i/, enquanto, para as vogais médias, há um único grafema vocálico representando dois fonemas: <e> representando /e/ e /ε/, entre as vogais médias anteriores, e <o> representando /o/ e /o/, entre as vogais médias posteriores. A grafia do PA, assim como a do português atual, não revela, portanto, a diferença de timbre que se verifica entre suas vogais médias em posição tônica.

Se a grafia do PA nada pode revelar a respeito da diferença de timbre entre suas vogais médias em posição acentuada, o recurso a textos poéticos torna-se indispensável, uma vez que a rima de tais textos pode fornecer pistas satisfatórias sobre a ocorrência de vogais médias abertas (/ε, o/) e fechadas (/e, o/), em posição acentuada, em um período remoto da língua, cujo único material disponível para a análise é de natureza escrita, já que não há registros orais da língua falada na época dos trovadores.

Vogais médias

Sobre a diferença de timbre entre as vogais médias do PA, Mattos e Silva (2006, p.51) declara:

Quanto à questão da diferença de timbre entre as vogais médias anteriores e posteriores – /e/ : /ɛ/ , /o/ : /ɔ/ – neste caso, estamos diante de uma oposição fonológica e não apenas fonética. Mesmo a escrita não dando nenhuma pista gráfica, já que os grafemas são apenas dois para os quatro fonemas, se pode ter a certeza de que a oposição existia. [...] há rimas da poesia medieval e, sobretudo, há a correspondência histórica sistemática, a regra geral, do latim em relação ao português, com exemplificações em qualquer das gramáticas históricas do português, apesar das exceções.

Conforme observa a autora, as rimas da poesia medieval podem comprovar a ocorrência de vogais médias abertas e fechadas no sistema fonológico, em posição tônica, do PA. Dessa forma, com base nas rimas das CSM, pretendemos demonstrar que os dois grafemas <e> e <o> representam, na escrita do PA, quatro fonemas vocálicos – /e, ɛ, o, ɔ/ – referentes às vogais médias anteriores e posteriores do sistema vocálico em posição tônica do PA.

Conforme mencionado anteriormente, baseamo-nos em informações contidas em Betti (1997) e mapeamos, assim, todos os termos que apareciam em posição de rima nas 420 CSM. Em seguida, verificamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre vogais representadas por uma mesma letra.

As rimas das CSM, como já observamos, são todas perfeitas,¹ e isso significa que, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes dos termos que rimam entre si devem ser idênticas – caso contrário, não haveria possibilidade de rima entre esses termos. Dessa forma, ao analisarmos os grupos de termos rimantes entre si, poderemos afirmar, com toda certeza, que, a partir da vogal tônica, as vogais de todos os termos do grupo possuem as mesmas qualidades, ou seja, são idênticas. Da mesma forma, a impossibilidade de rima entre termos constituídos de uma mesma terminação revela a ocorrência de vogais com qualidades fonológicas diferentes, em

1 Ver a distinção entre rimas soantes (perfeitas) e rimas toantes (imperfeitas) no capítulo 3.

cada uma das terminações, isto é, a ocorrência de grafemas idênticos representando fonemas distintos – exatamente a informação que pretendemos buscar no *corpus* analisado.

Nesse sentido, a impossibilidade de rima, nas CSM, entre os termos *meu* e *morreu*, por exemplo, indica a ocorrência de vogais médias com qualidades fonológicas distintas em cada um dos termos, embora ambos apresentem a mesma terminação *-eu*, isto é, embora ambos os fonemas sejam representados pelo mesmo grafema <e>. Partindo desse mesmo raciocínio, pode-se afirmar que a possibilidade de rima, no *corpus* estudado, entre os termos *maior* e *amor*, por exemplo, revela a ocorrência de fonemas idênticos em cada uma das terminações, ou seja, a terminação *-or* do termo *maior* possui, no PA, exatamente o mesmo fonema vocálico que compõe a terminação *-or* do termo *amor* – diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual, em que as terminações dos termos *amor* e *maior* são constituídas de fonemas vocálicos distintos: /o/ e /ɔ/, respectivamente.

Vogais médias anteriores

No que diz respeito à realização das vogais médias anteriores do PA, Maia (1997, p.339) declara o seguinte:

À semelhança do que acontece na actual grafia do português e do galego, o grafema *e* dos antigos documentos galego-portugueses podia representar, em sílaba tónica, tanto [ɛ] como [ɛ̃]. O problema está em saber se a distribuição de [ɛ] e [ɛ̃] é a mesma que actualmente.²

No mapeamento das rimas das CSM, organizado por Betti (1997), foram identificadas, entre as rimas com vogal média anterior tônica, sete terminações, a saber *-eu*, *-eo*, *-er*, *-era*, *-eran*, *-eron* e *-esse*, que compunham termos que não rimavam entre si, nas cantigas medievais religiosas. Partindo dessas terminações, investigamos a

² Os símbolos [ɛ̃] e [ɛ̃̃] transcritos por Maia (1997) correspondem aos símbolos da IPA [ɛ̃] e [ɛ̃̃], respectivamente.

ocorrência, no *corpus* analisado, de dois fonemas distintos (/e/ e /ɛ/), em posição acentuada, entre as vogais médias anteriores do PA.

No que diz respeito à terminação *-eu*, identificaram-se os seguintes grupos de palavras: um constituído de verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (por exemplo, *morreu*, *prometeu*, *perdeu* etc.), a que chamaremos de primeiro grupo; e outro, a que chamaremos de segundo grupo, constituído dos pronomes possessivos *meu*, *teu* e *seu*, do pronome pessoal *eu*, além de outros termos, tais como o substantivo *judeu*, e apenas um verbo flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, a forma *deu*.³ Os termos presentes em cada grupo rimam entre si nas CSM, mas jamais aparecem rimando com os termos do outro grupo.

A seguir, apresentamos alguns trechos das cantigas medievais religiosas que exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* analisado:

(4.3)

A dona mui bon marido **perdeu**,
 e con pesar del per poucas **morreu**;
 mas mal conorto dun fillo **prende**
 que del avia, que a fez prennada.
Sempre seja beita e loada
Santa Maria, a noss' avogada.
 (3ª estrofe da CSM 17)

(4.4)

Des que foron dentr', assi lles **conteceu**
 que logo San Pedr' ant' o altar **varreu**,

3 Aparece, no *corpus* analisado, em uma única rima, a forma *leu* (CSM 97), que não corresponde, ao contrário do que se poderia pensar, ao verbo *ler*, flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Segundo Mettmann (1972, p.173), em seu glossário dos termos das CSM, *leu* significa, no *corpus* analisado, *facilmente*, *possivelmente*.

e aos judeus tan tost' **appareceu**
 omagen da Virgen pintada seer.
Non devemos por maravilla tẽer
d' a Madre do Vencedor sempre vencer.
 (10ª estrofe da CSM 27)

(4.5)

Esto dito, fogiu o **judeu**;
 mai-los diabos, com' aprix **eu**,
 cada un deles logo sinal **deu**
 quando ouveron do om' a sair.
Razon an os diabos de fogir
ant' a Virgen que a Deus foi parir.
 (9ª estrofe da CSM 109)

(4.6)

Que me livrou de sas mãos | u era en poder **seu**;
 e porend', enquant' eu viva, | sempre no coração **meu**
 a terrei pera servi-la, | e nunca me será **greu**
 de ren que por ela faça, | ca mui ben enpregad' é.
O que diz que servir ome | aa Virgen ren non é,
aquest' é de mal recado | e ome de maa fe.
 (11ª estrofe da CSM 311)

A impossibilidade de rima entre os termos do primeiro grupo com os termos do segundo grupo evidencia o fato de haver, na terminação *-eu*, um único grafema <e> representando dois fonemas vocálicos: /e/ e /ɛ/. Como no PB atual tanto os verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo quanto os pronomes *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, assim como o termo *judeu*, apresentam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média anterior fechada (/e/); a questão que se coloca é a de saber em qual dos grupos rimantes os termos apresentavam, no PA, uma vogal média anterior aberta (/ɛ/) em suas sílabas tônicas.

Se o estado atual da língua, nesse caso específico, não pode contribuir para a interpretação dos dados do PA, resta-nos recorrer à história da língua, verificando, com base na etimologia de alguns desses termos, o timbre vocálico que suas vogais médias deveriam apresentar, no PA, de acordo com sua origem no latim clássico.

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal média dos pronomes *eu* e *meu* é proveniente de uma vogal média anterior breve (ĕ) do latim clássico: *ĕgo* e *mĕu*. Conforme mencionado no capítulo 2, de acordo com as regras de substituição do sistema vocálico do latim clássico pelo sistema vocálico do português, em posição acentuada, todo ĕ latino teria originado, no PA, uma vogal média aberta (/ɛ/). Nesse sentido, pode-se dizer que os dados históricos levam-nos a acreditar que os pronomes *eu* e *meu* apresentavam, no período arcaico, uma vogal média aberta /ɛ/ em suas sílabas tônicas.

Essas informações ajudam-nos a resolver a questão anteriormente colocada a respeito do timbre vocálico dos termos que compõem os dois grupos identificados para a terminação *-eu*, a saber: um primeiro constituído de verbos no pretérito perfeito do indicativo, e um segundo de que fazem parte os pronomes *eu* e *meu*, entre outros termos. Tendo em vista a etimologia dos pronomes *eu* e *meu*, somos levados a acreditar que os termos do segundo grupo apresentavam, no PA, um fonema vocálico /ɛ/, diferente, pois, daquele que apresentam no PB atual e, por isso, jamais aparecem rimando, no *corpus* analisado, com os termos do segundo grupo, que apresentam tanto no PA quanto no PB atual uma vogal média fechada (/e/) em suas sílabas tônicas.

Dessa forma, como se pode observar, se identificamos o fonema vocálico presente em apenas dois dos termos do segundo grupo, nem precisamos analisar os demais termos desse grupo para afirmar, com toda certeza, que ocorre, em todos esses termos, a mesma vogal média, ou seja, o fonema vocálico /ɛ/, já que todos rimam entre si nas CSM.

Não seria necessário, portanto, consultar a etimologia do termo *judeu* para identificar o timbre que sua vogal média deveria apresentar no PA, já que as rimas das CSM evidenciam a ocorrência de uma vogal média aberta /ɛ/ na realização desse termo, naquele momento

da língua. Entretanto, consultamos a etimologia do termo *judeu* a fim de obtermos uma última comprovação a respeito do timbre da vogal média presente nos termos do segundo grupo.

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal média do termo *judeu* é proveniente do ditongo *ae* do latim clássico. Conforme mencionado no capítulo 2, o ditongo *ae* do latim clássico originou, no português, a vogal média aberta /ɛ/, de acordo com o esquema de substituição das vogais latinas pelas portuguesas em posição acentuada. Dessa forma, não resta a menor dúvida de que os termos do segundo grupo apresentavam, no PA, um fonema vocálico, em posição tônica, diferente daquele que apresentam no PB atual, na medida em que a vogal média dos termos *eu*, *meu*, *judeu* – e de todos os outros termos que compõem o segundo grupo – era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto: /ɛ/.

Williams (1975, p.45), valendo-se também das rimas da poesia medieval, já havia considerado a possibilidade de a vogal média de palavras como *eu*, *meu* e *judeu* ser pronunciada com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), em um momento passado do português, quando afirma, justamente a respeito dos termos *eu*, *meu*, *judeu* e *deus*, que: “Essas palavras rimam nos primitivos cancioneiros entre si, mas não com a terminação *-eu* da terceira pessoa do singular dos pretéritos fracos; é, por conseguinte, provável que o *e* não se tivesse ainda fechado pelo tempo”.

Silva Neto (1952, p.413), valendo-se também das rimas de textos poéticos, é categórico ao afirmar que, de fato, a vogal média dessas palavras já foi pronunciada com timbre aberto no português:

Palavras como *eu* (< *ĕgo*), *meu* (< *mĕu*), *teu* (< **tĕu*, por *tĭu*), *seu* (< **sĕu*, por *sĭu*), *deu* (< **dĕdut*, por *dedit*), *Deus* (< *Dĕus*), *judeu* (< *judaeu*) e outras, correspondentes a *e* aberto latino, soavam ainda abertas e, por essa razão, não podiam rimar com a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *er*: *perdeu*, *temeu*.

Fica comprovado, portanto, que os termos do segundo grupo, referente à terminação *-eu*, apresentavam, no PA, um fonema vocálico

diferente daquele que apresentam no PB atual, ou seja, apresentavam o fonema vocálico /ε/, em posição tônica: /ε/u, m/ε/u, s/ε/u, jud/ε/u etc., ao passo que os termos do primeiro grupo apresentavam, no PA, o mesmo fonema vocálico que apresentam no PB atual, isto é, o fonema vocálico /e/: *morr/e/u, promet/e/u, perd/e/u* etc. Nesse sentido, fica evidenciada não somente a ocorrência de dois fonemas vocálicos distintos entre as vogais médias do PA em posição acentuada, como também a mudança de timbre por que passaram as vogais médias de determinados termos ao longo da história da língua. No Apêndice A, estão indicados os quadros que apresentam todos os termos identificados no *corpus* estudado que fazem parte de cada um dos grupos referentes à terminação *-eu*.

É importante observar que alguns dos termos do primeiro grupo, cujas vogais médias eram pronunciadas com um timbre vocálico aberto (/ε/) no PA, tais como *meu, seu* e *judeu*, aparecem também na forma plural (com terminação *-eus*), no *corpus* analisado, e rimam com os substantivos *Deus, Galileus, Fariseus*, entre outros, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.7)

Dizend' a questo, a Emperadriz, muit' amiga de **Deus**,
 vyu vir ha nave preto de si, chã de **romeus**,
 de bõa gente, que non avia y mouros nen **judeus**.
 Pois chegaram, rogou-lles muito chorando dos ollos **seus**,
 dizendo: "Levade-me vosc', ay, amigos **meus!**"
 E eles logo conssigo a foron coller.
Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si põer.
 (20ª estrofe da CSM 5)

(4.8)

Mas ante les disse: "Ide preegar
 o meu Evangeo per cada logar,
 e quantos creveren e se batiçar
 quiseren de grado, logo serán **meus**."

*Subiu ao ceo o Fillo de **Deus**
Por dar Parays' aos amigos seus.*

Os que non creveren, perdudos serán;
mai-los outros os diabres ditarán
dos omães e linguages falarán
mais que aqueles que albergan **romeus**,

*Subiu ao ceo o Fillo de **Deus**
Por dar Parays' aos amigos seus.*

Nen lles nuzirá se beberen poçon,
e guarrán de todo mal e de lijon
aos enfermos." E aqeste sermon
fez em Mont' Olivete ant' os **ebreus**.

*Subiu ao ceo o Fillo de **Deus**
Por dar Parays' aos amigos seus.*

Pois est' ouve dito, nas nuves subiu,
e a gent' aos ceos subi-lo viu,
que a voz dos angeos logo oyu
que lles diss' assi: "Varões **Galileus**,

*Subiu ao ceo o Fillo de **Deus**
Por dar Parays' aos amigos seus.*

Ena maneira que o veedes dacá
subir ao ceo, ben assi verrá
joyga-lo mund' e os mortos fará
resurgir, que non creen os **fariseus**."

*Subiu ao ceo o Fillo de **Deus**
Por dar Parays' aos amigos seus.*

(trecho da CSM 426)

A possibilidade de rima entre esses termos não só revela a ocorrência do fonema vocálico /ε/, na terminação *-eus* de todas essas palavras, como também aponta outros exemplos de palavras do português cujas vogais médias mudaram de timbre, ao longo da história

da língua, tais como *Deus* (do latim *děus*), *Galileus* (do latim *galilaeu*), *Fariseus* (do latim *pharisaeu*). Esses termos rimam entre si, nas CSM, mas jamais aparecem rimando com o termo *sandeu*, cuja vogal média, segundo Parkinson (2000c), era pronunciada, no PA, com timbre vocálico fechado (/e/).⁴ O quadro que indica todas as rimas em *-eus*, presentes nas CSM, também está apresentado no Apêndice A.

Para as demais terminações consideradas (*-eo*, *-er*, *-era*, *-eran*, *-eron* e *-esse*), torna-se mais simples a identificação dos fonemas vocálicos correspondentes ao grafema <e>, uma vez que há uma equivalência entre PA e PB atual no que diz respeito aos fonemas e grafemas vocálicos identificados em cada um dos termos analisados, construídos a partir das referidas terminações. Em outras palavras, ao contrário do que ocorreu com as palavras terminadas em *-eu*, os termos que compõem cada um dos grupos referentes às terminações *-eo*, *-er*, *-era*, *-eran*, *-eron* e *-esse* apresentavam, no PA, os mesmos fonemas vocálicos que apresentam no PB atual.

Assim, após identificar as possibilidades e impossibilidades de rima entre as palavras com uma mesma terminação, estabelecendo, em seguida, dois grupos de termos rimantes entre si, não tivemos grandes dificuldades para descobrir qual fonema vocálico, /e/ ou /ɛ/, deveria ser atribuído a cada um dos grupos, bastando observar a ocorrência desses termos no PB atual para obter tal informação.

É importante observar que, ao formularmos hipóteses para o PA com base em dados do PB atual, consideramos as seguintes palavras de Maia (1997, p.304): “para interpretar correctamente os textos antigos no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, pode constituir, em muitos casos, uma grande ajuda o conhecimento do estado fonológico moderno”.

Partindo desse raciocínio, analisamos as vogais médias presentes em cada uma das terminações já referidas. Para terminação *-eo*,

4 O termo *sandeu*, no singular, aparece rimando, nas CSM, com verbos da segunda conjugação na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. No plural, o termo *sandeu* aparece na rima de apenas uma cantiga e também forma par rimante com verbos na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: *defendeu/contendeu/sandeu/creeu* (CSM 146).

foram identificados dois pequenos grupos de termos rimantes entre si: um primeiro grupo constituído de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, tais como *viveo*, *recebeo*, *respondeo* etc., entre outros termos, e um segundo grupo constituído dos substantivos *ceo* (*céu*), *veo* (*véu*) e *ebreo* (*ebreu*), além da forma *Aqué o*. Os trechos das CSM apresentados a seguir exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* estudado:

(4.9)

O estatal enviado, e a muleta **viveo**.
 Quand' esto viu o meno, gran prazer en **recebeo**
 e deu-ll' enton que comesse, e a muleta **comeo**,
 loando todos a Virgen, a que Deus deu avantalla
A que faz o ome morto resorgir sen nulla falla,
ben pode fazer que viva outra morta animalla.
 (trecho da CSM 178)

(4.10)

El a dona mais fremosa | d' outra ren viu e **meteo**
 mentes enas sas feituraz, | ca o demo o **venceo**;
 e depois do Avangeo | ssa offerta ll' **ofereo**
 a dona e en gëollos | Ile foi a mão beijar.
Quen souber Santa Maria | ben de coraçon amar,
pero o tent' o diabo, | nunca o fará errar.
 (3ª estrofe da CSM 206)

(4.11)

Assi guardou a Rea do **Ceo**
 a ssa omagen, que nen sol o **veo**
 tangeu o fogo, come o **ebreo**
 guardou no forno con ssa vestidura.
Torto seria grand' e desmesura
de prender mal da Virgen ssa figura.
 (4ª estrofe da CSM 39)

Considerando o estado atual da língua, em que a vogal média anterior, em posição tônica, de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), ao passo que a vogal média anterior de monossílabos tônicos como *véu* e *céu*, por exemplo, é pronunciada com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), atribuímos o fonema vocálico /e/ aos termos do primeiro grupo, e o fonema vocálico /ɛ/, aos termos do segundo grupo. Os quadros com todas as rimas em *-eo* identificadas no *corpus* analisado estão indicados no Apêndice A.

No que diz respeito à terminação *-er*, identificaram-se os seguintes grupos de termos rimantes entre si: um constituído de verbos no infinitivo, tais como *comer*, *vencer*, *querer*, *prometer*, *vender* etc., além do substantivo *prazer*, e outro constituído de verbos também da segunda conjugação, mas flexionados na terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo, tais como *disser*, *quiser*, *souber*, *crever*⁵ etc., ou, no caso do verbo *querer*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*), além do substantivo *moller* (*mulher*). As rimas a seguir exemplificam algumas dessas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus* analisado:

(4.12)

De com' o jogar cantava | Santa Maria **prazer**
 ouv', e fez-lle na viola | ha candeia **decer**;
 may-lo monge tesoureiro | foi-lla da mão **toller**,
 dizend': "Encantador sodes, | e non vo-la leixaremos".

A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.
 (4ª estrofe da CSM 8)

5 É importante observar que a forma *crever*, que aparecerá outras vezes no *corpus* analisado, flexionada em outros tempos e modos verbais (*creveron*, *crevesse*), corresponde ao verbo *creer* (*crer*), flexionado, no PA, na terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo, e não ao infinitivo do verbo *escrever*, como se poderia pensar, interpretando, assim, uma possível mudança no timbre da vogal temática desse verbo ao longo da história da língua.

(4.13)

U Deus por Santa Maria este rogo foi **fazer**,
 o frade que era morto foi-ss' en pees log' **erger**,
 e contou ao convento como ss' ouver' a **perder**,
 se non por Santa Maria, a que Deus lo deu en don.

*Par Deus, mui' é gran razon
 de poder Santa Maria mais de quantos Santos son.*
 (9ª estrofe da CSM 14)

(4.14)

Seu padre del era morto; mas ha pobre **moller**
 sa madr' era que fiava a lãa mui **volonter**,
 per que ss' ambos governavan; mas quen m'ascoitar **quiser**,
 direi-ll' eu de com' a Virgen quis no meno mostrar.

*Como pod' a Groriosa mui ben enfermos sãar,
 assi aos que non saben pode todo saber dar.*
 (2ª estrofe da CSM 53)

(4.15)

E San Tomas lle disse: “Sennor, mui m' é **mester**,
 por que creudo seja desto, se vos **prouguer**,
 que algun sinal aja, que quando o **disser**
 que eu amostrar possa.” E ela lle lançou
*Des quando Deus sa Madre aos çeos levou,
 de nos levar consigo carreira nos mostrou.*

(23ª estrofe da CSM 419)

Conforme se pode verificar, basta observar a realização desses termos, no PB atual, para afirmar que o primeiro grupo mencionado é constituído de termos que apresentam, no PA, como no PB atual, o fonema vocálico /e/ em posição tônica, enquanto os termos do segundo grupo apresentam o fonema vocálico /ɛ/ em suas sílabas acentuadas. No Apêndice A, estão apresentados os quadros que indicam todos os termos, identificados no *corpus* analisado, que compõem cada um dos grupos abordados anteriormente para a terminação *-er*.

No que diz respeito à terminação *-era*, também foram identificados dois grupos distintos de termos rimantes entre si: o primeiro grupo é constituído de alguns poucos verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais que perfeito do indicativo, tais como *perndera*, *prometera*, *vendera* etc., enquanto o segundo grupo é constituído de outros verbos da segunda conjugação também flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais que perfeito do indicativo, tais como *dissera*, *trouxera*, *quisera* etc., além da forma verbal *era* e do substantivo *fera*, bastante recorrente nas rimas. A seguir, estão apresentados alguns trechos das CSM que exemplificam essas possibilidades e impossibilidades de rima no *corpus*:

(4.16)

Pois que viu o cavaleiro que ssa font' assi **perndera**
 por prazer da Groriosa, que lla aposto **tollera**,
 deu a erdad' u estava a fonte ond' el **vendera**
 a agu' àquele convento, onde pois foron viçosos.
Tanto son da Groriosa seus feitos mui piadosos,
que fill' aos que an muyto e dá aos menguadosos.
 (8ª estrofe da CSM 48)

(4.17)

El nunca **quisera**
 casar, mas mui **fera-**
 mente garçon **era**;
 poren lle fazia
 ssa luxuriosa
 voontade que **ouvera**
 sempr' e boliçosa,
Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.
 (3ª estrofe da CSM 195)

Levando-se em conta a ocorrência desses termos no PB atual, pode-se afirmar que os termos do primeiro grupo apresentavam no PA, assim como apresentam no PB atual, uma vogal média fechada /e/ em posição tônica, enquanto os termos do segundo grupo apresentam, tanto no PA quanto no PB atual, um fonema vocálico /ɛ/, ou seja, uma vogal média aberta em posição tônica. Estão indicados, no Apêndice A, os quadros com todos os termos com terminação *-era* identificados nas rimas das CSM.

Para a terminação *-eran*, foram identificados dois pequenos grupos, ambos constituídos de verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito mais que perfeito do indicativo: do primeiro grupo fazem parte apenas os termos *encolleran* e *meteran*, e do segundo grupo, as formas verbais *poseran*, *fezeran*, *mantereveran*, *jouveran*, *ouveran*, *trouxeran*, *preseran*, *vêeran* e *fezeran*, além do verbo *ser*, flexionado na terceira pessoa do plural do imperfeito do indicativo (*eran*), que aparece uma única vez em posição de rima, no *corpus* analisado. A seguir, estão indicados alguns exemplos dessas rimas nas CSM:

(4.18)

Que amba-las suas mãos assi s' **encolleran**,
que ben per cabo dos onbros todas se **meteran**,
e os calcannares ben en seu dereito
se meteron todos no corpo maltreito.

*Da que Deus mamou o leite do seu peito,
non é maravilla de sãar contreito.*

(2ª estrofe da CSM 77)

(4.19)

E per Morabe passaron / que ante passad' **ouveran**,
e sen que perdud' avian / todo quant' ali **trouxeran**,
atan gran medo da sina / e das cruzes y **preseran**,
que fogindo non avia / niun redêa tẽuda.

*Pero que seja a gente/ d'outra lei e descreeuda,
as que a Virgen mais aman, / a esses ela ajuda.*

(7ª estrofe da CSM 181)

Embora os verbos de ambos os grupos (exceto a forma verbal *eran*) apresentem, em sua composição, a mesma vogal temática *-e* e os mesmos morfemas flexionais (*-ra*, morfema modo-temporal, indicando pretérito mais que perfeito do indicativo, e *-n*, morfema número-pessoal, indicando terceira pessoa do plural), os verbos do primeiro grupo não podem rimar com os verbos do segundo grupo, porque a vogal temática, presente nos verbos do primeiro grupo, não apresenta a mesma qualidade, em termos fonológicos, da vogal temática presente nos verbos do segundo grupo, isto é, os verbos do primeiro grupo apresentam um fonema vocálico /e/ em posição tônica, enquanto os verbos do segundo grupo apresentam um fonema vocálico /ɛ/, em suas sílabas acentuadas, tanto no PA quanto no PB atual. Os quadros com todos os termos em *-eran* presentes nas rimas das CSM estão indicados no Apêndice A.

Como se pode observar, os verbos do segundo grupo (*poseran*, *fezeran*, *mantereran*, *jouveran*, *ouveran*, *trouxeran*, *preseran*, *vêeran*, *fezeran*, *eran*) correspondem à forma plural dos verbos terminados em *-era*, que faziam parte do segundo grupo referente a essa terminação, anteriormente mencionado neste capítulo. Com exceção das formas verbais *era* e *eran*, todos os demais verbos estão flexionados na terceira pessoa do singular (*-era*) e do plural (*-eran*) do pretérito mais-que-perfeito do indicativo. No caso dos verbos na terceira pessoa do plural, é importante observar que, diferentemente do que acontece no PB atual, esses verbos não se confundem no PA, pelo menos na escrita, com os verbos do pretérito perfeito do indicativo, também flexionados na terceira pessoa do plural, uma vez que esses verbos são representados, no *corpus* estudado, por terminações diferentes: *-eran*, para os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural, no mais que perfeito do indicativo, e *-eron*, para os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural, no perfeito do indicativo, conforme veremos a seguir.⁶

6 No glossário dos termos das CSM, organizado por Mettmann (1972), o filólogo, quando indica as conjugações de determinados verbos que ocorrem no *corpus* estudado, aponta as terminações *-eron* e *-eran* para os verbos, flexionados na segunda pessoa do plural, do perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, respectivamente.

Com relação à terminação *-eron*, os dois grupos identificados, no *corpus* analisado, eram constituídos de verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. Embora ambos os grupos sejam constituídos de verbos com a mesma vogal temática *-e*, os verbos de um grupo não podem rimar com os verbos do outro grupo, uma vez que a vogal temática dos verbos do primeiro grupo não apresenta a mesma qualidade, em termos fonológicos, da vogal temática dos verbos do segundo grupo, embora ambas sejam representadas pelo mesmo grafema <e>. Comparemos, então, as formas verbais que compõem cada um dos grupos: o primeiro grupo é constituído de verbos como *morreron*, *prenderon*, *perderon*, entre outros, que apresentam, tanto no PA quanto no PB atual, um fonema vocálico /e/ em posição acentuada, ao passo que o segundo grupo é constituído de verbos como *fezeron*, *quiseron*, *disseron* etc., que apresentavam no PA, como apresentam no PB atual, um fonema vocálico /ɛ/ em posição tônica. Vejamos alguns exemplos dessas possibilidades e impossibilidades de rima nas CSM:

(4.20)

Porque jajüad' avian. Porend' os mouros **venceron**,
 e correron depos eles e mataron e **prenderon**
 todos con quantos lidaron, e chaga non **receberon**;
 poren disseron: “Ai, Virgen, beita sejas, amen.”
Maravillo-m' eu com' ousa a Virgen rogar per ren
aquele que as sas festas non guarda e en pouco ten.
 (9ª estrofe da CSM 277)

(4.21)

Quand' est' ouveron dito, eno mar a **poseron**
 u a feriss' as ondas, e assi lle **disseron**:
 “A ti e nos deffende destes que non **creveron**
 nen creen no teu Fillo, ca mester nos seria.”
Pois aos seus que ama defende todavia,
dereit' é que defenda a ssi Santa Maria.
 (9ª estrofe da CSM 264)

Os quadros com todos os termos que compõem as rimas em *-eron*, nas CSM, estão apresentados no Apêndice A.

Por fim, temos os dois grupos constituídos de palavras terminadas em *-esse*: ambos os grupos são formados por verbos da segunda conjugação no imperfeito do subjuntivo. A vogal temática *-e*, presente nos verbos do primeiro grupo (*perdesse, morresse, vivesse* etc.), corresponde ao fonema vocálico /e/, tanto no PA quanto no PB atual, enquanto a vogal temática *-e*, presente nos verbos do segundo grupo (*soubesse, quisesse, dissesse* etc.), corresponde ao fonema vocálico /ɛ/. Além dos verbos, foram identificados o pronome demonstrativo *esse*, entre os termos do primeiro grupo, e o substantivo próprio *Jesse*, entre os termos do segundo grupo – ambos aparecem em uma única rima das CSM. Os exemplos a seguir demonstram algumas rimas em *-esse* no *corpus* analisado:

(4.22)

E de coraçõ que a **acorresse**
 lle rogou enton, como non **perdesse**
 seu fill' en prijon, mais que llo **rendesse**.
 E ssa demanda lle foi ben cabuda;
Santa Maria senpr' os seus ajuda
e os acorr' a gran coita sabuda.
 (6ª estrofe da CSM 62)

(4.23)

Ca pero a gran beldade
 dela fez que a **quisesse**
 o novio de voontade
 e que lle muito **prouguesse**,
 a Virgen de piadade
 lle fez que o non **fezesse**.
 E do leit' enton s'ergia
Quen leixar Santa Maria
por outra, fará folia.
 (18ª estrofe da CSM 132)

Os quadros com todas as rimas em *-esse*, identificadas no *corpus* analisado, também estão indicados no Apêndice A.

Enfim, tendo em vista os dados apresentados, que indicam as possibilidades e impossibilidades de rima, nas CSM, entre terminações idênticas, construídas a partir de um mesmo grafema <e>, pode-se concluir, a respeito das vogais médias anteriores do PA em posição tônica, que apresentavam, naquele momento da língua, uma distinção de timbre vocálico, na medida em que podiam ser abertas (/ɛ/) ou fechadas (/e/). Dessa forma, no que diz respeito às vogais médias anteriores do PA, o *corpus* aqui analisado confirma o sistema vocálico em posição acentuada apresentado pelos estudiosos no capítulo 2: um sistema fonológico em que ocorrem dois fonemas vocálicos, /e/ e /ɛ/, referentes às vogais médias anteriores – fonemas esses que são representados, tanto no PA quanto no PB atual, por um mesmo grafema <e>.

Com base no *corpus* analisado, também foi possível constatar que a vogal média anterior, presente em determinados termos do português, mudou de qualidade fonológica ao longo da história da língua, na medida em que foram identificados termos cuja vogal média anterior em posição tônica apresentava um timbre vocálico no PA diferente daquele que apresenta no PB atual. Alguns exemplos dessa mudança de timbre vocálico são os termos *meu*, *seu*, *teu*, *eu*, *judeu*, *galileu*, *fariseu*, *Deus*, entre outros. A vogal média anterior presente em todos esses termos era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto (/ɛ/), diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual, em que a vogal média anterior de todos esses termos é pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/).

Todos esses termos são apontados pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português como casos que representam uma exceção à regra de substituição da vogal média breve (ĕ) ou do ditongo *ae* do latim clássico pela vogal média anterior aberta (/ɛ/) do português. De acordo com essas gramáticas históricas e esses manuais de filologia do português, esses casos de exceção podem ser explicados pelo processo de metafoia: o timbre vocálico da semivogal *u*, presente em todos esses termos, teria influenciado o timbre da vogal

média anterior, tornando-a mais alta, ou seja, transformando uma vogal média-baixa (/ɛ/) em uma vogal média-alta (/e/).

Alguns desses estudos consideram a hipótese de a vogal média anterior desses termos apresentar, em um momento passado do português, um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. Este estudo vem confirmar que a vogal média anterior, presente em todos os termos arrolados, apresentava, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. O presente estudo, portanto, mostra que, no PA, a regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias anteriores do português fora respeitada – pelo menos no que diz respeito à vogal média dos termos anteriormente apontados – e que o processo de metafonia descrito pelos estudiosos teria atuado posteriormente, na história da língua portuguesa, modificando o timbre da vogal média desses termos e tornando-os, assim, uma exceção à regra de substituição fartamente descrita pelos filólogos da língua.

Além dos termos já mencionados, foram identificadas outras palavras, no *corpus* analisado, cuja vogal média anterior teria mudado de timbre ao longo da história da língua. A primeira dessas palavras é o substantivo *enveja* (*inveja*), proveniente do latim *invidĭa* (cf. Machado, 1952, p. 1237), que aparece rimando, nas CSM, com verbos do tipo *seja* e *deseja* e com o substantivo *igreja*, cujas vogais tônicas apresentavam, no PA e no PB atual, um timbre fechado (/e/):

(4.24)

Ao demo non pro[u]gue | dest', e con grand' **enveja**
 revolveu a pousada | o que maldito **seja**;
 el que toda maldade | ama sempr' e **deseja**
 fez o prazer em doo | tornar, Ca lle prazia.

*Parade mentes ora
 como Santa Maria
 d' acorrer non demora
 a quen por ela fia.*
 (7ª estrofe da CSM 241)

No Apêndice A, está indicado o quadro com todas as rimas em *-eja* presentes no *corpus* analisado. Com base nas rimas das CSM, pode-se constatar que, no PA, a vogal média anterior do termo *enveja* era pronunciada com um timbre vocálico fechado, respeitando o esquema de substituição da vogal latina /i/ pela vogal média-alta /e/ do português, não ocorrendo, naquele momento da língua, o seguinte fato citado por Nunes (1960, p.47): “vocábulo há, como [...] *enveja* [...], em que o *ê* se acha representado por *é*”.

A ocorrência da vogal média /ε/, no termo *inveja* do PB atual, também poderia ser explicada pela influência da vogal átona final /a/, que teria aberto o timbre da vogal tônica, tornando-a um grau mais baixa, ou seja, transformando uma vogal média-alta /e/ em uma vogal média-baixa /ε/.

O presente estudo mostra que, no PA, esse processo de assimilação ao timbre da vogal átona pela vogal tônica, tradicionalmente chamado de metafonia, ainda não teria atuado sobre o termo *inveja*. Maia (1997), em seu rico estudo sobre o PA, valendo-se de uma extensa documentação em prosa não literária, discute a situação de termos como *inveja*, cuja vogal média da sílaba tônica é proveniente de um *ĩ* ou *ē* do latim clássico, mas que apresentam, no português atual, uma vogal média aberta /ε/, por influência da vogal átona final /a/. Maia (idem, p.343) levanta uma questão acerca da datação em que o processo de metafonia teria modificado o timbre da vogal média desses termos, na língua portuguesa:

Como é sabido, o português culto actual tem *ε* na sílaba tônica de algumas dessas formas, em virtude da metafonia produzida por *-a* que levou à abertura da vogal tônica. [...] Importante será, pois, determinar a cronologia deste fenómeno metafónico. Trata-se de um fenómeno relativamente recente na língua, consumado apenas em época posterior ao século XVI. De facto, a análise das grafias de João de Barros no que se refere a formas deste tipo revela invariavelmente vogal fechada, não aparecendo ainda nenhuma grafia indicadora de vogal aberta. Sendo assim, parece não haver dúvida de que o grafema *e* de formas deste tipo documentadas nos textos

portugueses de Entre-Douro-e-Minho analisados neste trabalho representa [ɛ].⁷

Conforme se pode observar, Maia (1997) constatou em seu material de estudo que, no PA, a vogal média de termos como *enveja* ainda era fechada (/e/). Considerando-se o fato de que essa autora analisa dados de escrita tabeliônica (em prosa), remanescente do PA, pode-se dizer que nosso estudo não apenas confirma essa afirmação de Maia (idem), como também reforça a constatação desta, na medida em que trazemos informações baseadas em textos poéticos cujas rimas fornecem pistas muito mais seguras em termos de realização fônica de vogais. A partir do timbre das vogais médias dos termos *igreja*, *seja*, *deseja*, entre outros, com os quais o substantivo *enveja* aparece rimando nas CSM, pode-se afirmar, com toda certeza, que, naquele momento da língua, século XIII, a vogal média anterior do termo *enveja* (*inveja*) era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), diferente, pois, daquele que apresenta no PB atual (/ɛ/).

Ainda com base nas rimas das CSM, foi possível verificar que também a vogal média do pronome demonstrativo *essa* e do substantivo *promessa* era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual. Esses termos aparecem rimando, no *corpus* analisado, com os termos *abadessa* e *condessa*, conforme se pode observar a seguir:

(4.25)

[E di log' a **essa**]
 que é **abadessa**,
 que nunca **condessa**
 sigo **colleria**
 que mais proveitosa
 lle seja, ca, mia **promessa**,

7 Os símbolos [ɛ] e [e] utilizados por Maia (1997) correspondem às vogais médias [e] e [ɛ], respectivamente.

non é revoltosa.
Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.
 (12^a estrofe da CSM 195)

(4.26)

Sen tod' esto de linnage mui[t]' alt' era, e mellor
 falava d'outra moller. E por aquesto a **essa**
 fillou por ssa conpanneira e por ssa aguardador,
 porque muito a preçava de sen, a **abadessa**;
 e u quer que ya
 ja mais aquela monja | nunca de ssi partia,
 ante a metya
 en todo-los seus feitos | cada que os fazia.
Do dem' a perfia
nona toll' outra cousa | come Santa Maria.
 (2^a estrofe da CSM 285)

A respeito da pronúncia, no PA, do pronome demonstrativo *essa*, Maia (1997, p.346) declara: “a comprovar a pronúncia com [ɛ] no período e na região a que se referem os documentos estudados está o facto de a forma pronominal *essa* rimar várias vezes com *abadessa* nos cancioneros trovadorescos”. A autora, portanto, está se valendo das rimas da poesia medieval para dar sustentação às suas constatações, feitas com base em documentação em prosa, remanescente do PA. O quadro com todas as rimas em *-essa* presentes nas CSM está indicado no Apêndice A.

Há, ainda, para serem consideradas, as vogais médias do pronome pessoal feminino *ela* e do pronome demonstrativo *aquela*, ambas provenientes de um *ĩ* do latim clássico: *ĩlla* (cf. Machado, 1952, p.825) e *eccu ĩlla* (cf. idem p.226), respectivamente. Conforme mencionado no capítulo 2, todo *ĩ* do latim clássico teria originado, no português,

uma vogal média fechada /e/ em posição acentuada. Os pronomes *ela* e *aquela*, portanto, representariam uma exceção a essa regra de substituição, e a vogal média aberta /ɛ/ desses pronomes também seria justificada pela influência da vogal átona final /a/.

Maia (1997, p.345), com base na documentação que analisa em seu estudo, constatou que, no PA, a vogal média desses pronomes ainda era fechada (/e/):

Particularmente interessante é o estudo do valor do grafema *e* nas formas do feminino do pronome pessoal e do pronome demonstrativo, largamente representadas nos documentos portugueses e galegos [...]. Estas formas incluem-se perfeitamente dentro do grupo anteriormente tratado: originariamente havia [ɛ] na sílaba tónica – representando historicamente *ę* do latim vulgar – e *-a* no final da palavra. Na época em que se situam os documentos abrangidos pelo presente estudo, o grafema *e* da sílaba tónica representaria seguramente [ɛ].

Com base nessa afirmação de Maia (*idem*), preocupamo-nos em verificar se as rimas das CSM forneciam pistas a respeito da realização da vogal média anterior desses pronomes no PA. Verificou-se que tanto o pronome pessoal *ela* quanto o pronome demonstrativo *aquela* rimam, no *corpus* analisado, com formas verbais acompanhadas de clíticos (o pronome pessoal átono *a*), tais como: *vence-la*, *move-la*, *prende-la*. A seguir, apresentamos alguns exemplos dessas rimas no *corpus* analisado:

(4.27)

O cambiador fillou outra balança mayor **daquela**,
 e coidou aquela carta per mayor peso **vence-la**;
 mas pero non meteu tanto na balança que **move-la**
 per ren podesse de terra. Enton fillou dous bolssões
Senpre devemos na Virgen a ter os corações,
ca per ela guaannamos de Deus mui grandes per dôes.

(12^a estrofe da CSM 305)

(4.28)

Outro dia o alcaide / ṽeo irad' e sannudo / a ssa casa por
prende-la,
 Se ll'a sortella non desse, / pois lle dava seus din[n]e[i]ros, / que
 morreria por **ela.**

Enton chorand' a mesquinna / rogou que a ascoitasse,
 Dizendo que lla daria, /sol que ll'o seu entregas[s]e.

*Como Jesu-Cristo fezo / a San Pedro que pescasse
 un peixe en que achou ouro / que por ssi e el peytãsse,
 outrossi fez que ssa Madre / per tal maneira livrasse
 a hũa moller mesquynna, / e de gran coita tirasse.*

(20ª estrofe da CSM 369)

Tais possibilidades de rima, identificadas no *corpus* analisado, levam-nos a acreditar que esses pronomes apresentavam, no PA, uma vogal média anterior fechada /e/, diferente, pois, daquela que apresentam no PB atual. Este estudo vem, novamente, reforçar uma constatação de Maia (1997) para o PA.

Identificamos ainda no *corpus* analisado outros casos de palavras terminadas em *-ela*, pronunciadas com vogal média aberta, no PB atual (*sela* e *donzela*, por exemplo), rimando com as referidas formas verbais seguidas de clíticos (*vee-la*, por exemplo), como indica o trecho da CSM 153 transcrito a seguir:

(4.29)

Ali sse desaparedeu
 dela log' a **sela**
 e ant' o altar caeu
 da Madre-**donzela,**
 que senpre quer nosso ben;
 e ya por **vee-la**
 gente daquend' e dalen.
Quen quer que ten en desden
a Santa Maria,
gran mal lle verrá poren.
 (6ª estrofe da CSM 153)

Essa rima leva-nos a afirmar, também para os termos *sela* e *donzela*, que eles apresentavam, no PA, uma vogal média fechada /e/, diferente daquela que apresentam no PB atual, em que são pronunciadas com um timbre vocálico aberto /ɛ/, muito provavelmente por influência da vogal átona final /a/.

Como os termos *donzela* e *sela*, assim como o pronome pessoal *ela*, aparecem, no *corpus* analisado, rimando também com termos como *bela*, *capela* etc., que apresentam, no PB atual, uma vogal média anterior aberta /ɛ/ em suas sílabas tônicas, a questão que se coloca é a seguinte: é a vogal média dos termos *ela*, *aquela*, *bela* e *donzela*, entre outros, que apresentava um timbre vocálico fechado (/e/), no PA, ou é a vogal média presente nas formas verbais acompanhadas de clíticos, tais como *vee-la*, *vence-la*, *move-la*, *prende-la* etc., que era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual?

A constatação de Maia (1997), anteriormente apontada para os pronomes *ela* e *aquela*, constitui um argumento a favor de considerar-se a ocorrência de uma vogal média anterior fechada (/e/) em todas as palavras com terminação *-ela* identificadas nas rimas das CSM (o quadro com todas essas palavras está indicado no Apêndice A).

O fato de que, com exceção da forma verbal *deu*, todas as formas verbais identificadas nas rimas do *corpus* analisado conservaram, no PB atual, a mesma vogal média, em posição acentuada, que apresentavam no PA (*morreu*, *viveu*, *perdeu*, *prometeu*, *fazer*, *poder*, *temer*, *quiser*, *quer*, *prometera*, *trouxera* etc.), também constitui um argumento a favor de considerar-se que, no PA, a pronúncia da vogal média de formas verbais como *vence-la*, *move-la*, *prende-la*, entre outras, era a mesma que no PB atual. Esse argumento, entretanto, será descartado se levarmos em consideração as rimas da CSM 180, em que aparecem as formas verbais *vela* (do verbo *velar*) e *revela*, rimando com as demais palavras terminadas em *-ela*.

(4.30)

Desta guisa deve Santa Maria
seer loada, ca Deus lle quis dar

todas estas cousas por melloria,
 porque lle nunca ja achassen par;
 e por aquesto assi a loar
 deviamos senpre, ca por nos **vela**.

Vella e Mina,
*Madr' e **Donzela**,*
Pobre e Reynna,
*Don' e **Ancela**.*

[...]

Outra Dona seer non poderia
 atal com' esta, ca Deus foi juntar
 en ela prez e sen e cortesia
 e santidade, u mercee achar
 pode tod' ome que a demandar;
 e con tod' esto, nunca nos **revela**.

Vella e Mina,
*Madr' e **Donzela**,*
Pobre e Reynna,
*Don' e **Ancela**.*

(trecho da CSM 180)

Se considerarmos que há uma vogal média fechada (/e/) em todas as palavras terminadas em *-ela* que compõem as rimas das CSM, teríamos de assumir que formas verbais como *vela* e *revela*, ao contrário das demais formas verbais identificadas nas rimas do *corpus* em questão, não se mostram conservadoras quando comparamos sua ocorrência no PA e no PB atual. Nesse sentido, teríamos de considerar que a vogal média anterior, presente no radical de verbos da primeira conjugação, como *velar* e *revelar*, não era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico aberto, nas formas da terceira pessoa do singular – *vela* e *revela* –, diferentemente, portanto, do que ocorre no PB atual.

Pode-se dizer, pois, que a terminação *-ela* mostrou-se um tanto problemática no que diz respeito à identificação do fonema vocálico que apresenta, em posição acentuada, no PA. Se considerarmos que, naquele momento da língua, a vogal média anterior de todas as pala-

vras terminadas em *-ela* que constituem as rimas das CSM era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/e/), teríamos de assumir que todos esses termos, com exceção dos verbos acompanhados de clíticos, apresentam uma vogal média, em suas sílabas tônicas, diferente daquela que apresentam no PB atual – inclusive as formas verbais *vela* e *revela*. Se considerarmos a ocorrência de uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica de todos esses termos, teríamos de assumir, ao contrário do que fez Maia (1997), que a vogal média anterior dos pronomes *ela* e *aquela* já era pronunciada com um timbre vocálico aberto no PA. Além disso, teríamos de justificar a ocorrência da vogal média anterior aberta nas formas verbais acompanhadas de clíticos: *prende-la*, *vence-la*, *move-la*, entre outras. Diante desse impasse, o máximo que nos arriscamos a afirmar, a respeito desses termos, é que há a possibilidade de a vogal média anterior, presente na sílaba tônica dessas palavras, ser pronunciada, no PA, com um timbre vocálico fechado (/e/), mas que os dados analisados não nos permitem apontar, com toda certeza, o timbre vocálico que esses termos apresentavam no PA.

Enfim, tendo em vista tudo o que foi discutido neste capítulo sobre as vogais médias anteriores do PA, o presente estudo identificou, com base na observação das rimas das CSM, a ocorrência de vogais médias anteriores abertas (/ɛ/) e fechadas (/e/) no PA, confirmando, pois, o que os estudiosos haviam afirmado: a ocorrência de dois fonemas, /e/ e /ɛ/, referentes às vogais médias anteriores, representados, tanto no PA quanto no PB, por um único grafema <e>. Fica, assim, comprovado, com base nos dados anteriormente apresentados, que, no PA, as vogais médias anteriores podiam ser abertas ou fechadas, havendo, pois, uma distinção fonológica de timbre vocálico entre elas.

Identificamos também, com base nas rimas das CSM, termos cujas vogais médias anteriores em posição tônica mudaram de timbre ao longo da história da língua. Foram identificados termos cujas vogais médias anteriores em posição acentuada apresentavam, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresentam no PB atual. Todos esses termos, identificados no *corpus* analisado, constituem casos que representam, no PB atual, uma exceção à regra de substi-

tuição das vogais do latim clássico pelas vogais do português. Este estudo mostrou que, no PA, essa regra de substituição, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português, fora respeitada e que, em um momento mais recente da língua (posterior ao século XVI, ao que tudo indica),⁸ o processo tradicionalmente chamado de metafoia atuou sobre a vogal média desses termos, modificando, assim, seu timbre vocálico etimológico.

Enfim, tendo em vista o que foi anteriormente apresentado a respeito das transformações por que passaram as vogais médias anteriores de determinados termos do português, ao longo da história da língua, elaboramos os seguintes quadros:

Quadro 13 – Evolução histórica dos termos com vogal média anterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ĕ	ɛ	e
ĕgo (clássico) *ĕo (vulgar)	/ɛ/u	/e/u
mĕu	m/ɛ/u	m/e/u
dĕus	D/ɛ/us	D/e/us

Quadro 14 – Evolução histórica dos termos com ditongo *ae* no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ae	ɛ	e
iudaeu	jud/ɛ/u	jud/e/u
Galilaeu	Galil/ɛ/u	Galil/e/u
Pharisaeu	Faris/ɛ/u	Faris/e/u

Quadro 15 – Evolução histórica dos termos com vogal alta anterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ĭ	e	ɛ
invĭdia	env/e/ja	inv/ɛ/ja
ĭpsa	/e/ssa	/ɛ/ssa
promĭssa	prom/e/ssa	prom/ɛ/ssa

8 Ver as citações de Maia (1997) apresentadas ao longo deste capítulo.

Vogais médias posteriores

No que diz respeito às vogais médias posteriores, em posição tônica, do PA, Maia (1997, p.382) declara que “nos sistemas gráficos usados nos antigos documentos portugueses e galegos, o grafema *o* podia representar tanto [o] como [ɔ],⁹ tal como acontece com a actual grafia do português e do galego”.

Partindo da mesma metodologia empregada no estudo das vogais médias anteriores do PA, observamos a ocorrência da vogal média posterior em todas as rimas das CSM, a fim de obtermos informações sobre a realização dessa vogal no PA. Como para as vogais médias anteriores, nosso objetivo era verificar se os dados do presente estudo confirmariam dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, em posição acentuada, referentes à vogal média posterior do PA. Em outras palavras, o que se pretende, no presente item deste capítulo, é identificar, com base nas rimas das CSM, a distinção de timbre (aberto e fechado) que os estudiosos apontaram para as vogais médias posteriores em posição acentuada do PA.

Com base nesse raciocínio, observamos todas as rimas das cantigas medievais religiosas, construídas a partir de uma vogal média posterior (*o*) em posição tônica, a fim de obtermos pistas que pudessem comprovar a ocorrência, no PA, de dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, representados por um único grafema <o>, em posição acentuada.

Ao contrário do que ocorreu com as vogais médias anteriores, não foram identificadas, no *corpus* consultado, muitas terminações construídas a partir de um *o* tônico que pudessem ser divididas em dois grupos de termos que não rimavam entre si. Das rimas analisadas aqui, apenas a terminação *-ores* constituía termos que não rimavam entre si nas CSM.

O primeiro grupo de palavras terminadas em *-ores*, identificadas no *corpus* analisado, é constituído da forma plural de substantivos terminados em *-or*, tais como *amores*, *sabores*, *sennores* (*senhores*), *frores* (*flores*) etc., termos que apresentam, no PB atual, uma vogal

⁹ Os símbolos [ɔ] e [o], utilizados por Maia (1997), correspondem às vogais médias posteriores fechada ([o]) e aberta ([ɔ]), respectivamente.

média posterior fechada (/o/) em suas sílabas tônicas. Fazem parte desse primeiro grupo, entretanto, adjetivos como *mellores* (*melhores*), *mayores* (*maiores*) e *mẽores* (*menores*), que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/). Do segundo grupo identificado para a terminação *-ores*, fazem parte os verbos *chores* e *demores*, que rimam entre si, mas não rimam com os termos do primeiro grupo. A seguir, apresentamos alguns exemplos dessas possibilidades e impossibilidades de rima nas CSM:

(4.31)

O jogar sse foi com via, | dando mui grandes **loores**
 aa Virgen groriosa, | acorro dos **peccadores**;
 e quantos aquesto oyron, | os grandes e os **mẽores**,
 tiveram este miragre | por nobr' e por piadoso.
Como o nome da Virgen | é aos bõos fremoso,
assi é contra os maos | mui fort' e mui temeroso.
 (10^a estrofe da CSM 194)

(4.32)

Ela é lume dos **confessores**
 e avogada dos **peccadores**
 e a mellor das santas **mellores**;
 demais nosso com senpre deseja.
Santa Maria bẽeita seja,
ca spell' é de Santa Eigreja.
 (3^a estrofe da CSM 280)

(4.33)

Entre Deus e as gentes | que foren **pecadores**.
 Poren vay-te ta via | e leixa teus **pastores**
 que guarden teus gãados; | ca muito son **mayores**
 de Deus as sas merções | ca ren que foss' osmada.
Bẽeyto foi o dia | e benaventurada
a ora que a Virgen | Madre de Deus, foi nada.
 (19^a estrofe da CSM 411)

(4.34)

Ca um sant' om' y está
 que end' é Patriarcha
 daquela terra e á
 em pode-la comarca,
 e consello te dará
 bõo, se Deus [me] parca.

Busca barca
 e vai tost', e non **chores**
 nen **demores**,
 e faz ta romaria.”

Con seu ben

Sempre ven

com ajuda

connoçada

de nos Santa Maria.

(15^a estrofe da CSM 115)

Considerando o fato de que as formas rizotônicas¹⁰ dos verbos *chorar* e *demorar*, no imperativo negativo, tais como *chores* e *demores*, entre outras, apresentam uma vogal média posterior aberta (/ɔ/) no PB atual, e o fato de os substantivos *amor*, *sabor*, *flor* e *senhor* apresentarem uma vogal média posterior fechada (/o/) no PB atual, somos levados a atribuir o fonema vocálico /ɔ/ às vogais médias posteriores do segundo grupo, e o fonema vocálico /o/, às vogais médias posteriores do primeiro grupo – ambos os fonemas representados pelo mesmo grafema <o>, conforme se pôde observar.

Nesse sentido, pode-se dizer que os dados levam-nos a considerar a ocorrência de dois fonemas vocálicos, /o/ e /ɔ/, em posição acentuada no PA, confirmando, assim, no que diz respeito às vogais

10 A respeito do timbre da vogal média em determinadas formas verbais cujo acento incide sobre a vogal do radical do verbo (formas rizotônicas), e não sobre sua vogal temática (formas arrizotônicas), ver Câmara Jr. (2007, p.110).

médias posteriores, o sistema vocálico proposto pelos estudiosos no segundo capítulo deste livro. O quadro com todas as rimas em *-ores*, identificadas no *corpus* analisado, está indicado no Apêndice B.

Quanto à vogal média posterior dos adjetivos *mellores*, *mayores* e *mẽores* – que aparecem rimando, no *corpus* analisado, com substantivos como *amores* e *sennores* –, pode-se dizer que era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico fechado (/o/), diferente, pois, daquele que apresenta no PB atual. Diante dessa constatação, fomos observar a ocorrência desses adjetivos na forma singular nas rimas das CSM, a fim de verificar se, no singular, esses adjetivos também apareciam rimando com termos com vogal média posterior fechada na sílaba tônica.

Quando se observaram as rimas das cantigas medievais religiosas, verificou-se que os comparativos *mellor* (*melhor*), *peor/peyor* (*pior*), *mayor* (*maior*) e *mẽor* (*menor*), assim como os termos *redor*, *arredor* e *derredor*, aparecem rimando, no *corpus* analisado, com palavras como *amor* e *Sennor*, entre outras, cujas vogais tônicas apresentam um timbre fechado (/o/) tanto no PA quanto no PB atual. Vejamos alguns exemplos dessas possibilidades de rima nas CSM:

(4.35)

O menço o **mellor**
 leeu que leer podia
 e d'aprender gran **sabor**
 ouve de quanto oya;
 e por esto tal **amor**
 con esses moços collia,
 con que era **leedor**,
 que ya en seu tropel.
A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
un menço d'Irrael.
 (2ª estrofe da CSM 4)

(4.36)

Mas daquesto nos fez el o **mayor**
 ben que fazer podia,
 u fillou por Madr' e deu por **Sennor**
 a nos Santa Maria,
 que lle rogue, quando sannudo **for**
 contra nos todavia,
 que da ssa graça nen do seu **amor**
 non sejam os deitados.
Muito valvera mais, se Deus m' anpar,
que non fossemos nados,
se nos non dêsse Deus a que rogar
vai por nossos pecados.
 (1ª estrofe da CSM 30)

(4.37)

Non porque de Nostro **Sennor**
 disse mal, mais que da **Flor**,
 sa Madre, disse **peor**.
 E poren sinal
Quen diz mal
da Reynna Espirital,
log' é tal
que mereç' o fog' ynferral.
 (8ª estrofe da CSM 72)

(4.38)

Tornar, ca avia mui gran **sabor**
 de da-la garça al Rei, seu **sennor**.
 Mai-la agua o troux' a **derredor**
 de guisa que lle fez perde-lo sen.
Ena gran coita sempre acorrer ven
a Virgen a quen fia en seu ben.
 (7ª estrofe da CSM 142)

(4.39)

Enton começaram todos | cantando a dar **loor**
 aa Virgen groriosa, | Madre de Nostro **Sennor**;
 e pois deitaron-s' a prezes | cab' o altar en **redor**,
 rezando per seus salteiros | quanto podian rezar.
Atan gran poder o fogo | non á per ren de queimar
como á Santa Maria, | quando quer, de o matar.
 (13ª estrofe da CSM 332)

(4.40)

Este dous fillos avia, | e Domingo o **mayor**
 chamavam, e ao outro | Pedro, que era **mẽor**.
 Estes ambos o servian | muito, [de] que gran **sabor**
 avia o ome bõo, | e fazia gran razon.
As mãos da Santa Virgem | que tangeron acaron
Jhesu-Christo, muy ben poden | sacar presos de prijon.
 (3ª estrofe da CSM 359)

(4.41)

Este çeg' ourivez fora | que non ouvera **mellor**
 en tod' o reyno de França | ne-nas terras **arredor**,
 e en servir sempr' a Virgen | avia mui gran **sabor**;
 e porend' hũ' arca d'ouro | fora mui rica lavrar
Ben pode Santa Maria | seu lum' ao çego dar,
pois que dos pecados pode | as almas alumẽar.
 (2ª estrofe da CSM 362)

Todas essas rimas confirmam que, de fato, a vogal média posterior dos adjetivos terminados em *-or*, tais como *menor*, *maior*, *melhor* e *pior*, bem como dos termos *redor* e derivados (*arredor* e *derredor*), era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente daquele que apresenta no PB atual, ou seja, a vogal média posterior desses termos era fechada (/o/) no PA. O quadro com todas as rimas em *-or*, identificadas no *corpus* analisado, está indicado no Apêndice B.

É importante observar que todos esses termos que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior diferente daquela que apresentavam no PA – *maior, menor, melhor, pior, redor* etc. – são apontados pelos estudiosos como casos que representam uma exceção à regra de substituição do sistema vocálico do latim clássico pelo sistema vocálico do português, já que eles apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/) quando deveriam apresentar uma vogal média fechada (/o/), uma vez que essa vogal é proveniente de um *ō* latino. Este estudo vem demonstrar que, no PA, esse esquema de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português, em posição tônica, fora respeitado, na medida em que todos esses termos apresentavam, naquele momento da língua, conforme mostraram as rimas das CSM, uma vogal média posterior fechada (/o/).

Para explicar a ocorrência, no PB atual, da vogal média posterior aberta (/ɔ/) nos termos anteriormente apontados, os estudiosos da língua lançam mão da analogia:¹¹ a vogal média teria se tornado aberta, nessas palavras, por causa da analogia com o termo *mor*, cuja vogal tônica aberta é proveniente da contração de *oo* latinos – *majore*

11 A ideia de “analogia” é bastante recorrente entre os estudos de filologia, mas, no caso da mudança de timbre em palavras como *maior, menor, melhor, pior* etc., a explicação “analgica” adotada pelos filólogos é problemática, porque considera apenas um lado da questão (a comparação com formas como *mor*), mas desconsidera o outro lado (a possibilidade de comparação com formas como *amor*, por exemplo). Entretanto, a explicação linguística, nesse caso, não parece tão simples e evidente. Para Wetzels (1992), que retoma Câmara Jr. (2007), a ocorrência dos timbres médio-baixos /ɛ, ɔ/ está diretamente ligada à posição do acento, e a posição do acento, nesses casos, está diretamente relacionada à ocorrência do travamento silábico /R/, que força a localização do acento na última sílaba (cf. Massini-Cagliari, 1999, 2005). No entanto, o travamento silábico, isoladamente, não explica a alteração no timbre da vogal, uma vez que, em *amor*, a abertura da vogal média não ocorreu. Esse caso exigiria, portanto, reflexões mais aprofundadas para obter uma interpretação adequada dessa mudança de timbre. Não nos aprofundaremos, no entanto, nessa questão, porque o objetivo do presente estudo é estabelecer o sistema vocálico do PA realizado nas CSM – e estabelecer o percurso diacrônico do timbre vocálico de todas as palavras, do PA ao PB, foge ao escopo deste livro. Deixaremos, pois, essa questão para ser investigada em pesquisas futuras, diretamente relacionadas à diacronia das vogais portuguesas.

> *maor* > *moor* > *mor* –, como declara Coutinho (1974, p.105): “por analogia com *mor*, em que o *ó* resultou da contração de *oo*, tornou-se também aberto o *ō* latino, nas seguintes palavras portuguesas: *minōre* > *menor*, *meliōre* > *melhor*, *peiōre* > *pior*”.

Coutinho (idem), entretanto, afirma que, “na antiga língua”, a vogal média posterior desses adjetivos era pronunciada com timbre fechado (/o/) – pronúncia essa que, segundo o autor, permanece na Galiza.

Nunes (1960, p.52-3), ao explicar o fenômeno da analogia que teria tornado aberta a vogal tônica dos termos anteriormente mencionados, também considera que essa vogal era fechada, em um momento passado do português:

Em certos vocábulos aparece ou *ó*, quando era de esperar *ô*, ou ainda *u*, contrariamente à regra dada; explica-se o facto já pela influência de outros sons, como em [...] *maior*, *menor* (arc. *mēor*), *melhor*, *pior*, *arredor*, *hora*, nos quais predominou o *o* regularmente aberto de formas de terminação idêntica, *mor*, *ora*, por exemplo, em que *ó* está por *oo* de *ao* [...].

Note-se, porém, que na língua antiga muitos destes nomes, terminados em *-or*, como *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*, *arredor*, *derredor*, *agora*, etc., conservavam o *ô* originário, como se reconhece na poesia de então, e continuam a mantê-lo nalgumas falas populares.

Em nota, Nunes (idem, p.53) lança mão de um exemplo retirado de um canto camoniano para sustentar sua afirmação: “Camões, no canto VI, estância 40, ainda faz rimar *milhores* com *amores*”.

Silva Neto (1952, p.413) também afirma que a vogal tônica desses adjetivos era pronunciada com timbre vocálico fechado no português antigo: “as vogais tônicas dos comparativos *maior* (< *maiōre*), *melhor* (< *meliōre*), *mēor* (< *mīnōre*), *peor* (< *peiōre*) eram fechadas, o que está dentro das normas, uma vez que provém do *o* fechado latino em posição acentuada”.

Ramos (1985) também considera que a vogal média posterior, presente na sílaba tônica desses adjetivos, era pronunciada, no PA,

com um timbre vocálico diferente daquele com que é pronunciada no português atual. Ramos (1985, p.92) aponta, inclusive, o possível momento da língua em que esse timbre vocálico teria se modificado, conforme se pode observar:

Em *maior* como também nos outros comparativos *melhor* e *peor* e em outras palavras em *-or*, provenientes do latim *-ŌREM*, passaram a ter uma vogal aberta /ɔ/, por influência analógica com a forma *mor* (lat. MAJORE- > maor > moor > mor) em que a vogal aberta é explicada através da contração das duas vogais. Esta contaminação analógica situa-se, por certo, no período em que os hiatos começam a resolver-se (finais do século XIII até, mais ou menos, aos finais do século XV).

Tendo em vista as afirmações dos estudiosos a respeito da realização, no PA, da vogal média posterior dos adjetivos mencionados (*melhor*, *pior*, *maior* e *menor*), pode-se dizer que o presente estudo vem confirmar e reforçar o que disseram os estudiosos sobre a mudança no timbre da vogal média posterior presente nesses adjetivos.

O presente estudo vem, portanto, afirmar que, na segunda metade do século XIII, período em que foram escritas as CSM, a vogal tônica dos adjetivos *melhor*, *pior*, *maior* e *menor* era ainda pronunciada com um timbre fechado (/o/) – pronúncia essa que se manteve até o século XVI (pelo menos) se considerarmos a rima de *Os lusíadas*, entre *milhores* e *amores*, mencionada por Nunes (1960).

Há, ainda, para serem considerados, os adjetivos com sufixo *-osa*, como *formasa* e *gloriosa*, que representam, pois, a forma feminina dos adjetivos terminados em *-oso*. Com base nas rimas das CSM, verificou-se que também esses adjetivos apresentavam, no PA, uma vogal média posterior diferente daquela que apresentam no PB atual, na medida em que esses adjetivos aparecem, no *corpus* analisado, rimando com o substantivo *esposa*, que apresenta uma vogal média posterior fechada (/o/) tanto no PA quanto no PB atual. Os trechos das cantigas a seguir mostram essa possibilidade de rima no *corpus* analisado:

(4.42)

Eles disseron: “Aemos | a Virgen mui **groriosa**,
 que de Deus foi Madr’ e Filla, | e criada e **esposa**,
 e pariu e ficou virgen, | cousa mui **maravillosa**.”
 Enton diss’ o gentil logo: | “A omagen m’ amostrade.”
Com’ en si naturalmente | a Virgen á piadade,
assi naturalment’ ama | os en que á caridade.
 (18ª estrofe da CSM 335)

(4.43)

*Virgen Madre **groriosa**,*
*de Deus filla e **esposa**,*
*santa, nobre, **preciosa**,*
quen te loar saberia
ou podia?
 (refrão da CSM 340)

No Apêndice B, indicamos o quadro com todas as rimas em *-osa* identificadas no *corpus* analisado. A possibilidade de rima entre os adjetivos terminados em *-osa* e o substantivo *esposa* revela que, no PA, a vogal média posterior, presente na sílaba tônica de adjetivos femininos como *formosa*, *gloriosa* e *maravilhosa*, entre outros, era pronunciada com um timbre vocálico fechado (/o/), diferente, portanto, daquele que apresenta no PB atual (/ɔ/).

Esses adjetivos terminados em *-osa* também são apontados pelos estudiosos como casos que representam uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português, na medida em que apresentam, no PB atual, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/), quando deveriam apresentar uma vogal média posterior fechada (/o/), por ser ela proveniente de um *ō* latino.

As gramáticas históricas e os manuais de filologia do português atribuem a ocorrência da vogal média posterior aberta /ɔ/, nessas palavras cuja vogal tônica é proveniente de um *ō* latino, à influência da vogal baixa (/a/), presente na sílaba átona final desses termos,

que teria tornado aberta (/ɔ/) a vogal média da sílaba tônica. A esse respeito, Williams (1975, p.51) afirma que o “*o* tônico do latim vulgar seguido de uma sílaba terminada por *a*” se transforma em “*o*”, como em “*formōsam > formōsa*”.¹²

Coutinho (1974, p.105) explica da mesma forma a presença da vogal aberta /ɔ/ nesses adjetivos: “por influência do *a* final, o *o* torna-se igualmente aberto: *hōra > hora, fōrma > forma, formōsa > formosa*”.

O presente estudo vem, portanto, afirmar que, no PA, século XIII, a forma feminina de adjetivos como *formoso*, *glorioso*, *maravilhoso* etc. ainda não havia passado pelo processo de transformação que tornou aberta sua vogal média posterior, em posição acentuada, muito provavelmente por influência da vogal átona final (/a/), responsável pela marcação do gênero feminino nesses termos. Dessa forma, pode-se dizer que o presente estudo confirma as seguintes palavras de Ramos (1985, p.92):

Em *fremosa* temos também a vogal fechada /o/. Não tinham ainda ocorrido fenômenos que viriam transformar a vogal fechada na correspondente vogal aberta. Em *fremosa* vai actuar a metafonía que provoca a abertura do /o/ em /ɔ/. Podemos dizer que nos finais do século XVI ou talvez um pouco antes, teríamos já *fremoso* com a vogal fechada e *fremosa* com a vogal aberta.

Também investigamos, nas rimas das CSM, termos como os substantivos *jogo* e *fogo*, cujas vogais médias posteriores, em posição tônica, são provenientes de um *o* do latim clássico. No português atual, esses substantivos representam uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais portuguesas, na medida em que, ao contrário dos adjetivos anteriormente estudados, esses substantivos apresentam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média posterior fechada (/o/), quando deveriam apresentar uma vogal média posterior aberta (/ɔ/), por ser ela proveniente de um *o* latino, conforme

12 Os símbolos [ɔ] e [o], adotados por Williams (1975), correspondem às vogais médias posteriores fechada ([o]) e aberta ([ɔ]), respectivamente.

observa Maia (1997, p.382): “Consideraremos, em primeiro lugar, as formas paroxítonas de substantivos, adjectivos e participios passados que têm na sílaba tónica o grafema *o*, historicamente representante de *ō* do latim”. Como exemplos dessas formas, Maia (idem, p.382-3) aponta termos como *fogo*, *logo*, *novos*, *ovos*, *porco*, *porcos*, entre outros.

Conforme se pode observar, com base nos exemplos de Maia (idem), trata-se de termos que, no plural, apresentam, atualmente, vogal média posterior aberta (/ɔ/), mas que, no singular, apresentam vogal média fechada (/o/), contrariando a regra de substituição do *ō* latino pelo *ó* português.

Dessa forma, no PB atual, somente quando aparecem no plural, esses termos apresentam uma vogal tónica correspondente a sua origem latina, ou seja, a vogal média aberta /ɔ/:¹³

(4.44)

cōrvos > *c/ɔ/rvos*
cōrpos > *c/ɔ/rpos*
fōgos > *f/ɔ/gos*
jōcos > *j/ɔ/gos*
ōvos > */ɔ/vos*
pōrcos > *p/ɔ/rcus*
nōvos > *n/ɔ/vos*
ōclos > */ɔ/lhos*
pōrtos > *p/ɔ/rtos*
ōssos > */ɔ/ssos*
grōssos > *gr/ɔ/ssos*
pōstos > *p/ɔ/stos*
tōrtos > *t/ɔ/rtos*
mōrtos > *m/ɔ/rtos*
fōssos > *f/ɔ/ssos*

Termos cujas vogais tónicas não são provenientes de um *ō* latino não apresentam, no português atual, vogais distintas, em suas síla-

13 Exemplos retirados de Silva Neto (1952, p.190).

bas tônicas, no singular e no plural, conforme se pode observar nos seguintes exemplos, retirados de Silva Neto (1952, p.193):

(4.45) Vogal média proveniente de *ō* latino

rōstros > *r/o/stos*
spōnsos > *esp/o/sos*
tōtos > *t/o/dos*

(4.46) Vogal média proveniente de *ŭ* latino

dŭplos > *d/o/bros*
fŭscos > *f/o/scos*
gŭrdos > *g/o/rdos*
gŭstos > *g/o/stos*
rŭsseos > *r/o/xos*
lŭpos > *l/o/bos*

Silva Neto (idem, p.192) afirma, no entanto, que “em alguns exemplos insulados, causas inda meio obscuras – preponderantemente imitativas ou devidas à ultracorreção – desarticularam a harmonia do timbre”, como nos seguintes exemplos:

(4.47)

pŭteos > *p/ɔ/ços*
medŭllos > *mi/ɔ/los*
mŭrmos > *m/ɔ/rmos*

Quanto aos termos no singular, as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português explicam o fechamento da vogal tônica pela influência da vogal átona final fechada (/u/), ou seja, com base no processo de metafonia. Dessa forma, Nunes (1960, p.51) afirma: “ó passa frequentemente a ô [...], quando precede a sílaba final e esta termina em o (metafonia); assim fōcu-, *fogo*, grōssu-, *grosso*, jōcu-, *jogo*, cōrbu-, *corvo*, mōrtu-, (por mortuu) *morto*, ōssu-, *osso*, tōrtu-, *torto*, etc”. Também para Coutinho (1974, p.105), o fechamento da vogal tônica, nesses termos, pode ser explicado pela influência da vogal átona final: “por influência da vogal final *u* ou da

semivogal *i*, encontra-se às vezes *õ* representado em português por *ô*: *cõrvu* > *corvo*, *põrcu* > *porco*, *fõcu* > *fogo*, *jõcu* > *jôgo*, *hõdie* > *hoje*, *fõrtia* > *fôrça*". Da mesma forma, Williams (1975, p.49) afirma: "ø tônico do latim vulgar seguido de uma sílaba terminada por *o* > *ø*: *fõcum* > *fõgo*; *põpulum* > *põvo*; *põsitum* > *põsto*".¹⁴

Nenhum dos autores estudados levantou a hipótese de esses termos apresentarem, no PA, uma vogal média posterior com timbre vocálico aberto (/ɔ/). Entretanto, preocupamo-nos em observar a ocorrência de tais termos nas rimas das CSM, a fim de verificar com que timbre vocálico era pronunciada a vogal tônica de cada um deles. Dos termos apontados pelos autores, apenas *fogo* e *jogo* foram identificados nas rimas das CSM, como mostram os seguintes exemplos:

(4.48)

Quisera-se Musa ir con elas **logo**.
 Mas Santa Maria lle diss': "Eu te **rogo**
 que, sse mig' ir queres, leixes ris' e **jogo**,
 orgull' e desden.
 Ay, Santa Maria,
 quen se per vos guya
 quit' é de folia
 e senpre faz ben.

E se esto fazes, d'oj' a trinta dias
 seerás comig' entr' estas conpannias
 de moças que vees, que non son sandias,
 ca lles non conven."
 Ay, Santa Maria,
 quen se per vos guya
 quit' é de folia
 e senpre faz ben.
 (trecho da CSM 79)

14 Os símbolos [ɔ] e [ø], adotados por Williams (1975), correspondem aos símbolos [ɔ] e [o], respectivamente, nos padrões da IPA.

(4.49)

O meirão, que foi fort' e bravo,
 mandou fillar log' aquela moller,
 e por queima-la non deu un cravo,
 ca muito fazia ben seu mester.

Nen fez em **jogo**
 nen fillou **rogo**,
 mas ao **fog[o]**
 a levou que ardia.

*Na malandança
 noss' amparança
 e esperança
 é Santa Maria.*

(8ª estrofe da CSM 255)

(4.50)

U dirán as tronpas: | “Mortos, levade-vos **logo**”
 di-ll'u o perdiste | que ta coita non foy **jogo**.
Madre de Deus, ora | por nos teu Fill' essa ora.

(9ª estrofe da CSM 422)

Conforme se pode observar, o substantivo *jogo* aparece rimando, no *corpus* analisado, com o advérbio *logo*, que apresenta, ainda no português atual, uma vogal tônica aberta /ɔ/. O substantivo *fogo*, por sua vez, aparece em uma única cantiga (em posição de rima) e forma par rimante com *jogo*. Dessa forma, pode-se constatar que, no PA, a vogal média posterior, presente na sílaba tônica desses substantivos (*jogo* e *fogo*), era pronunciada com timbre vocálico aberto (/ɔ/), não tendo ocorrido, naquele momento da língua, o processo de metáfora, que fechou a vogal desses substantivos, mas não exerceu influência na pronúncia da vogal tônica do advérbio *logo*, proveniente do latim *lōcu* (cf. Nunes, 1960, p.51). O quadro com todas as rimas em *-ogo* identificadas no *corpus* analisado está indicado no Apêndice B.

Há, ainda, para serem investigados, os casos de palavras terminadas em *-oz* e *-ol*, tais como *voz* e *sol*, provenientes do latim *vōcem*

e *sōlem* (Williams, 1975, p.50), respectivamente, cujas vogais tônicas apresentam, no português atual, um timbre vocálico aberto /ɔ/, contrariando, assim, o esquema de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, que declara que todo *ō* do latim originou uma vogal média posterior fechada (/o/) no português.

Williams (*idem*) aponta esses termos como casos de exceção à regra de substituição das vogais posteriores e comenta que são termos que entraram na língua por via erudita ou semierudita: “o *ō* do latim clássico se tornou português *o* num grupo de palavras em que a maioria é de eruditas ou semi-eruditas: [...] *sōlem* > *spl*; [...] *vōcem* > *voz*”.

Nunes (*idem*) explica a abertura da vogal média posterior, presente na sílaba tônica de palavras terminadas em *-oz*, lançando mão da analogia: “em certos vocábulos aparece ou *ó*, quando era de esperar *ô*, ou ainda *u*, contrariamente à regra dada; explica-se o facto já pela influência de outros sons, como em *foz*, *voz*, *noz*, em que houve analogia com nomes em *-ōce*”.

Quanto à pronúncia dessas palavras, no PA, não foi possível verificar, com base nas rimas das CSM, se elas apresentavam uma vogal média posterior fechada (/o/), em suas sílabas tônicas, naquele momento da língua, uma vez que tais palavras aparecem em poucas rimas, que não fornecem pistas satisfatórias a esse respeito, conforme indicam os seguintes trechos retirados de algumas CSM:

(4.51)

O marheiro, poi-la ena barca meteu, ben come **fol**
disse-lle que fizesse seu talan, e seria sa **prol**;
mas ela diss' enton: “Santa Maria, de mi non te **dol**,
neno teu Fillo de mi non se nenbra, como fazer **sol**?”

Enton v̄o voz de ceo, que lle disse: “**Tol**
tas mãos dela, se non, farey-te perecer.”

Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,

Santa Maria deve sempr' ante si p̄oer.

(16ª estrofe da CSM 5)

(4.52)

Pois a nav' u a Emperadriz ya aportou na **foz**
de Roma, logo baixaron a vea, chamando: "**Ayoz.**"

E o maestre da nave diss' a un seu ome: "Vai, **coz**
carn' e pescado do meu aver, que te non cost' hũa **noz.**"

E a Emperadriz guaryu un gaf', e a **voz**
foy end', e muitos gafos fezeron ss' y trager.

*Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si pôer.*

(21ª estrofe da CSM 5)

(4.53)

[E] assy viian alá dentr' o **sol**
como sobre terra; e toda sa **prol**
fazer-lles fazia, e triste nen **fol**
non foi niun deles, nen sol enfe[r]mar

*Assi pod' a Virgen so terra guardar
o seu, com' encima dela ou no mar.*

(8ª estrofe da CSM 226)

(4.54)

San Pedr[o], e os outros | todos a hũa **voz**
en terra se deitaron, | pedindo per **Ayoz**
perdon a Santo Thomas; | e diss' el: "Hũa **noz**
non daria por esto, | pois con verdad' estou."

*Des quando Deus sa Madre | aos çeos levou,
de nos levar consigo | carreira nos mostrou.*

(30ª estrofe da CSM 419)

Enfim, por meio da observação das rimas das CSM, identificamos a ocorrência de vogais médias posteriores abertas (/ɔ/) e fechadas (/o/), no PA, confirmando, pois, o que os estudos abordados no capítulo 2 haviam afirmado para o sistema vocálico em posição acentuada do PA: a ocorrência de dois fonemas, /o/ e /ɔ/, referentes às vogais médias posteriores, representados, tanto no PA quanto no PB,

por um único grafema <o>. Fica, assim, comprovado, com base nos dados apresentados, que, no PA, as vogais médias posteriores podiam ser abertas ou fechadas, havendo, pois, uma distinção fonológica de timbre vocálico entre elas.

Identificamos também, com base nas rimas das CSM, termos cujas vogais médias posteriores em posição tônica mudaram de qualidade, em termos fonológicos, ao longo da história da língua. Foram identificados termos cujas vogais médias posteriores em posição acentuada apresentavam, no PA, um timbre vocálico diferente daquele que apresentam no PB atual. Todos esses termos, identificados com base no *corpus* analisado, constituem casos que representam, no PB atual, uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português. Este estudo demonstrou que, no PA, essa regra de substituição, fartamente descrita pelas gramáticas históricas e pelos manuais de filologia do português, fora respeitada. Apenas em um período mais recente da língua portuguesa, houve uma mudança no timbre vocálico dessas palavras (que poderia ser explicada por meio do processo de metafonia, por exemplo), que as distanciou de suas formas etimológicas, não nos permitindo identificar, em suas vogais tônicas, um timbre vocálico correspondente à quantidade que possuíam em sua origem latina.

Com base no que foi anteriormente apresentado sobre as transformações por que passaram as vogais médias posteriores do português, ao longo da história da língua, chegamos aos seguintes quadros:

Quadro 16 – Evolução histórica dos termos com vogal média posterior longa no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
ō	o	ɔ
melīore	mell/o/r	melh/ɔ/r
peiōre	pe/o/r	pi/ɔ/r
maiōre	mai/o/r	mai/ɔ/r
formōsa	frem/o/sa	form/ɔ/sa
gloriōsa	glori/o/sa	glori/ɔ/sa

Quadro 17 – Evolução histórica dos termos com vogal média posterior breve no étimo latino

Latim	Português arcaico	Português brasileiro
õ	ɔ	o
jõcu	j/ɔ/go (substantivo)	j/o/go (substantivo)
fõcu	f/ɔ/go	f/o/go

Se compararmos os quadros 16 e 17 aos quadros 13 e 15, referentes à evolução histórica das vogais médias anteriores, notaremos que o comportamento das exceções não parece linear entre vogais médias anteriores e posteriores, embora a regra (de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas) apresente-se como bastante linear, no que diz respeito às vogais médias anteriores e posteriores, conforme mostra o esquema a seguir:¹⁵

(4.55)

Vogais anteriores
Latim > Português

ě > /ɛ/

ē > /e/

ï > /e/

Vogais posteriores
Latim > Português

ō > /ɔ/

ō > /o/

ū > /o/

Nos casos que representam, no PB atual, uma exceção a essa regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, parece não haver, pelo menos nos dados obtidos por nós, a mesma linearidade observada, conforme mostra o Quadro 18.

Entretanto, o fato de não termos encontrado, nas CSM, exemplos de palavras com vogal média /e/, na sílaba tônica, proveniente de um ē latino, que represente, no PB atual, uma vogal média aberta /ɛ/, não significa que casos desse tipo não possam ser identificados na língua. Williams (1975, p.48) aponta exemplos de exceção à regra de

15 Não estamos considerando, aqui, a substituição dos ditongos *ae* e *oe* latinos pelas vogais /ɛ/ e /e/, respectivamente, do português.

Quadro 18 – Evolução histórica das vogais médias anteriores e posteriores do português

Vogais anteriores	Vogais posteriores
Latim > PA > PB	Latim > PA > PB
ě > ε > e <i>měu</i> > <i>m/ε/u</i> > <i>m/e/u</i>	ǒ > o <i>jǒcu</i> > <i>j/ɔ/go</i> > <i>j/o/go</i>
ē > e > ε ---	ō > o > ɔ <i>gloriōsa</i> > <i>glori/o/sa</i> > <i>glori/ɔ/sa</i>
ĩ > e > ε <i>invīdia</i> > <i>env/e/ja</i> > <i>inv/ε/ja</i>	ũ > o > ɔ ---

substituição das vogais latinas envolvendo a vogal *ē* do latim clássico: *aphotēcā* > *bod/ε/ga*, *rēgulā* > *r/ε/gra*, entre outros casos – todos terminados em *a*. Esses dados apresentam, pois, correspondente entre as exceções verificadas para a vogal média posterior: *gloriōsa* > *glori/ɔ/sa*, por exemplo. Nesse caso, pode-se dizer que há uma linearidade, entre vogais médias anteriores e posteriores, no que diz respeito às exceções à regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas.

Não foi possível, entretanto, verificar qual era o timbre da vogal média anterior dos termos *bodega* e *regra*, no PA, com base no *corpus* analisado, porque não há, nas CSM, rimas terminadas em *-ega* e *-egra*. Contudo, não está descartada a possibilidade de esses termos apresentarem, no PA, uma vogal média anterior fechada (*/e/*), em posição tônica, diferente daquela que apresentam no PB atual.

No caso da exceção envolvendo a vogal breve *ũ* do latim clássico, os estudiosos consultados não apontaram exemplos, no português, em que essa vogal tivesse originado uma vogal média aberta */ɔ/*. A exceção, portanto, não foi registrada por nós e nem pelos estudos abordados. Nesse caso específico, parece não haver uma linearidade entre vogais médias anteriores e vogais médias posteriores, conforme indicado no Quadro 18. Quanto aos demais casos de exceção, pode-se dizer que, de modo geral, comportam-se de forma linear em vogais médias coronais e em vogais médias dorsais do português.

Vogais médias anteriores e posteriores do PA

Tendo em vista tudo o que foi abordado sobre as vogais médias (anteriores e posteriores) em posição acentuada do PA, pode-se dizer, enfim, que o presente estudo conseguiu, conforme propôs no início desta discussão, comprovar, com base nas observação das rimas das CSM, a distinção de timbre vocálico (aberto e fechado) entre as vogais médias em posição tônica do PA.

Nesse sentido, tanto para as vogais médias anteriores quanto para as vogais médias posteriores, foi confirmada a ocorrência de dois fonemas vocálicos: um aberto e um fechado, representados por um único grafema. Quanto às vogais anteriores, mostramos que o grafema <e> representa, no *corpus* analisado, os fonemas /e/ (vogal média-alta ou fechada) e /ɛ/ (vogal média-baixa ou aberta). Para as vogais posteriores, provamos que o grafema <o> representa, nas CSM, os fonemas /o/ (vogal média-alta ou fechada) e /ɔ/ (vogal média-baixa ou aberta).

Portanto, no que diz respeito às vogais médias do PA em posição acentuada, este estudo chega ao seguinte sistema vocálico:

(4.56)

$$\begin{array}{cc} /e/ & /o/ \\ /ɛ/ & /ɔ/ \end{array}$$

Dessa forma, pode-se dizer que os dados obtidos confirmam, no que diz respeito às vogais médias, o sistema vocálico do PA em posição acentuada proposto pelos estudiosos no segundo capítulo deste livro.

Verificamos também que a vogal média em posição tônica de algumas palavras do PB atual, apontadas pelos estudiosos da língua como exceções à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais médias do português, era pronunciada, no PA, com um timbre vocálico diferente do atual. Mostramos, neste capítulo, que a regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas fora respeitada no PA, tendo ocorrido, em um momento mais recente da

língua (posterior ao século XVI, muito provavelmente), uma alteração no timbre vocálico de determinados termos que os distanciou de sua origem latina, tornando-os exceções à regra de substituição descrita pelos filólogos.

Sobre os processos que alteraram o timbre original da vogal média desses termos, ao longo da história da língua, Mattos e Silva (2006, p.53-4) declara o seguinte:

Mais difícil de se determinar é o momento em que se dá a meta-fonia que muda o timbre de /ε/ em /e/ (como em *mĕtu* > *m/e/do*) ou /e/ em /ε/ (como em *monĕta* > *mo/ε/da*) ou /ɔ/ em /o/ (como em *fōcu* > *f/o/go*), ou /o/ em /ɔ/ (como em *formosa* > *form/ɔ/sa*), já que na grafia não se distingue o timbre das vogais médias. [...] Pode-se inferir que os processos metafônicos já atuavam, criando “exceções” à regra geral, desde muito cedo na história da língua, mas não se pode afirmar em que itens do léxico, a não ser naqueles que apresentassem reflexos nas grafias. Depois do século XVI, com o auxílio dos gramáticos da língua portuguesa, é que se pode, com mais segurança, ter informações mais precisas, embora rarefeitas.

Essa autora, como se pode observar, considera que não seja possível identificar em quais palavras do PA o processo de meta-fonia já teria atuado no século XIII. No entanto, provamos que, com base na análise das rimas de textos poéticos, é possível verificar, sim, “em que itens do léxico” o processo de meta-fonia já teria atuado (ou não) no PA – se esses itens aparecerem em posição de rima, evidentemente.

Nosso estudo, portanto, além de trazer informações a respeito do timbre vocálico com que eram pronunciadas certas palavras, em um momento passado da língua do qual não há registros orais, também traz pistas importantes a respeito da datação do início do período de atuação de certos processos morfofonológicos (como a meta-fonia) no contínuo temporal da língua. Podemos afirmar que, na segunda metade do século XIII, período em que foram escritas as CSM, o processo de meta-fonia ainda não havia atuado sobre os termos analisados neste livro, e que, naquele momento da língua, portanto,

a vogal tônica desses termos conservava o timbre correspondente a seu étimo latino.

Vogal /a/

De acordo com as gramáticas históricas e os manuais de filologia do português, a vogal baixa /a/ do português é proveniente tanto do *ǎ* breve quanto do *ā* longo, do latim clássico.

Segundo Câmara Jr. (2007, p.42), no PB, a posição tônica da vogal *a*, diante de consoante nasal na sílaba seguinte, “torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado”, isto é, o *a* aberto do PB torna-se fechado diante de um contexto nasal. Esse *a* fechado, entretanto, de acordo com o autor, não corresponde a um fonema da língua, sendo apenas uma realização fonética da vogal baixa central.

No que diz respeito à realização dessa vogal no PE, Câmara Jr. (idem) afirma:

baseados nessa pronúncia normal (lisboeta), os modernos fonólogos europeus, como Helmut Lüdtke e Jorge Morais Barbosa, estabelecem dois fonemas /a/ no português europeu (/a/ levemente anterior e claro, substituído na pronúncia normal brasileira pela variante posicional [â], levemente posterior e abafado diante de consoante nasal da sílaba seguinte) e /â/, justamente, que aí pode, ou não, aparecer, formando oposição com /a/.¹⁶ O exemplo clássico é a oposição, na primeira conjugação verbal, entre *-ámos* (terminação no pretérito perfeito: “ontem cantamos”) e *-amos* (terminação no presente: “cantamos agora e sempre”).

Maia (1997, p.313) também comenta as diferenças entre o PE padrão e PB atual no que diz respeito à realização da vogal /a/ nas

16 Os símbolos /a/ e /â/ utilizados por Câmara Jr. (2007) correspondem aos símbolos /a/ e /ɐ/, respectivamente, do alfabeto da IPA.

conjugações do presente e do pretérito dos verbos em *-ar*: “Como se sabe, actualmente a língua da zona central do País distingue entre o presente *-amos* (com [ã]) e o pretérito *-ámos* (com [a]).¹⁷ No Sul, aliás como no português do Brasil, encontra-se *-amos* (com [ã]) tanto para o presente quanto para o pretérito”.

Quanto às realizações do fonema /a/ no PA, Maia (1997, p.313-5) declara o seguinte:

Do testemunho concordante dos três gramáticos do século XVI podemos concluir com segurança que *a* aberto e *a* fechado são apenas duas realizações diferentes do mesmo fonema /a/: [ã], quando seguido de nasal inicial da sílaba seguinte, e [a] em qualquer outro contexto. Embora os gramáticos não o digam expressamente, creio que, com bastante segurança, se pode afirmar que *a* seguido de nasal não só era realizado como mais fechado, mas mais ou menos nasalizado. Aliás, o fechamento da vogal deve ter resultado da nasalação produzida pela proximidade das consoantes nasais *m*, *n* ou *nh*.

Resumindo: [...] [ã] e [a], mais ou menos nasalizado, eram, na sílaba tónica, variantes combinatórias do mesmo fonema, cada uma determinada por contextos fónicos bem determinados: [ã] ocorria quando seguido de consoante nasal inicial de sílaba seguinte e [a] em qualquer outro contexto.

Mattos e Silva (2006, p.51) discute as possíveis realizações do fonema /a/ nas formas verbais (presente e pretérito) da primeira conjugação no PA:

A discussão em torno de /a/ acentuado no português arcaico fica assim polarizada. Contudo, pode-se admitir que ainda não era essa diferença fônica, se ela existia, utilizada como um traço distintivo para marcar a oposição entre aquelas formas verbais do presente e do perfeito. Além disso, pelo que se sabe de teoria fonética, pode-se

17 Os símbolos [ã] e [a] utilizados por Maia (1997) correspondem ao *a* fechado e *a* aberto, respectivamente.

também afirmar que é uma realização natural as vogais seguidas de nasal se articularem mais fechadas que em outros contextos.

Com base nesse raciocínio, Mattos e Silva (2006, p.54) conclui que no PA: “não se pode ter certeza se já haveria uma distinção fonética entre [a] e [ã],¹⁸ seguido de nasal, mas se pode admitir que uma oposição fonológica entre central aberta e fechada não existia”.

Não foi possível identificar, nas CSM, rimas que comprovassem as diferentes realizações fonéticas do fonema /a/ no PA. Entretanto, o *corpus* analisado poderá trazer contribuições satisfatórias se considerarmos os argumentos utilizados por Said Ali (1964, p.34) para comprovar a ocorrência de duas realizações fonéticas para a vogal /a/ em posição acentuada no “português antigo”:

A distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros séculos da língua escrita a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em português antigo conclui-se da circunstância de representar-se às vezes, em sílaba átona, *a* etimológico pela letra *e*, e outras vezes *e* etimológico pela letra *a*: *ventajem*, *estronomia*, *estrolisia*, *estroso*, *rezom*, *epocalipse*, *fantasia*, *mes* (em *Leal Conselheiro* alternando com *mas*), *abóbedas*, *tomás de equino* (*Leal Cons.*), *apístola*, *avangelho*, etc.

Diante de tais afirmações, preocupamo-nos em observar no glossário das CSM – organizado por Mettmann (1972) – se havia palavras que apresentavam uma alternância entre a vogal *a* e a vogal *e* em suas grafias. Foram identificadas alternâncias desse tipo não só entre as vogais pretônicas, conforme mencionara Said Ali (op. cit.), mas também entre as vogais tônicas das palavras do PA.¹⁹

18 Os símbolos [a] e [ã] utilizados por Mattos e Silva (2006) correspondem à vogal baixa aberta e fechada, respectivamente.

19 Como, neste capítulo, estamos tratando especificamente da realização tônica da vogal /a/, vamos apresentar, aqui, somente as variações gráficas, identificadas no *corpus* consultado, referentes à vogal baixa em posição tônica. As variações identificadas para a vogal /a/ em posição pretônica serão apresentadas mais adiante.

O Quadro 19 indica as variações gráficas referentes à vogal /a/ em posição acentuada, identificadas no *corpus* analisado.

Quadro 19 – Variação entre <a> e <e> em posição tônica, em termos do PA

<a>	<e>
antre (CSM 185)	entre (CSM 65, 193, 245, 267, 30, 411, 60, 14, 57, 79, 91, 404, 254, 419, 48, 69, 281)
quaranta (CSM 417)	quarenta (CSM 307 F)
pregairas (CSM 57)	pregueiras (CSM 151)

É interessante observar que, dos três casos de variação identificados no *corpus*, dois ocorrem diante de contexto nasal:

(4.57)

antre/entre
quaranta/quarenta

Esses dados reforçam as afirmações de Maia (1997) e Mattos e Silva (2006) sobre a realização fonética da vogal /a/ diante de contexto nasal, no PA. As variações indicadas em (4.57) sugerem que, no PA, a vogal /a/ realizava-se, muito provavelmente, como [ɐ] (fechado), diante de consoante nasal.

Tendo em vista as afirmações dos autores estudados, a respeito da realização do fonema /a/ no PA, bem como os dados anteriormente apresentados, pode-se concluir que havia, muito provavelmente, naquele momento da língua, apenas um fonema /a/, que podia ser realizado como aberto ou fechado, conforme o contexto em que se encontrava.

Vogal alta anterior (/i/)

Conforme mencionado no início deste capítulo, foram identificados, no *corpus* analisado, dois grafemas vocálicos, <i> e <y>, representando a vogal alta anterior /i/ em posição acentuada no PA.

O grafema <i> é mais recorrente, no *corpus* analisado, do que o grafema <y>, aparecendo na maioria dos termos identificados. Há termos que são grafados invariavelmente com <i> (por exemplo, *perdi*, *aprendi*, *aqui*) ou com <y> (algumas flexões do verbo *ouvir*: *oy*, *oya*, entre outras), mas há termos que apresentam ora o grafema <i>, ora o grafema <y>, para representar o mesmo fonema /i/ (por exemplo, *assi/assy*; *ali/aly*).

Granucci (2001, p.59), ao observar a ocorrência da vogal /i/ nas *cantigas de amigo*, identificou três grafemas vocálicos representando a vogal alta anterior (/i/): <i>, <y> e <j>. ²⁰ Conforme se pode observar, o grafema vocálico <j>, identificado no *corpus* consultado por Granucci (*idem*), não foi identificado nas CSM – pelo menos nas edições organizadas por Mettmann (1986a, 1988, 1989). Pode ser que, nos manuscritos originais das cantigas medievais religiosas, esse grafema seja identificado. Todavia, não nos preocupamos em consultar os grafemas vocálicos das cantigas originais porque, nesse caso específico, o número de grafemas identificados para a vogal /i/ não influenciaria as interpretações fonológicas destinadas a esse fonema. Ao contrário do que se verificou para as vogais médias – em que havia um único grafema vocálico representando dois fonemas –, no caso da vogal alta anterior (/i/), há mais de um grafema representando o mesmo fonema. Nesse caso, portanto, não há muito que se discutir, uma vez que já foram identificadas evidências (mais de um grafema) que comprovam a ocorrência do fonema vocálico /i/ entre as vogais tônicas do PA. Vejamos, pois, o que diz Maia (1997, p.421) ao comparar o estudo da vogal /i/ ao estudo dos demais fonemas vocálicos, principalmente os referentes às vogais médias:

O estudo destes grafemas [da vogal /i/] terá que ser inevitavelmente de natureza diferente do que foi feito em relação aos

20 Massini-Cagliari (1998, p.163) também verificou que mais de um grafema representava a vogal [i] nas *cantigas de amigo*, contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (CBN). Além dos grafemas (<i, j, y>) apontados por Granucci (2001), Massini-Cagliari (*idem*) identificou o grafema <h>, representando o som [i] em ditongos crescentes.

anteriores. De facto, através do estudo analítico antes realizado, revelou-se a polivalência dos referidos grafemas, sobretudo com mais segurança e evidência no que se refere a *e* e *o*. O trabalho então empreendido consistiu essencialmente em determinar o valor fónico e fonológico de cada um dos grafemas nos vários tipos de formas que sucessivamente foram analisadas. Neste momento, depara-se com uma situação totalmente distinta e menos importante sob o ponto de vista que nos ocupa: o mesmo fonema pode aparecer representado por diferentes grafemas – *i*, *y*, *j*²¹ – alternando o emprego de cada um deles também no interior do mesmo texto. Em relação ao fonema /i/, os textos analisados revelam, pois, uma situação de poligrafia.

Não há, portanto, grandes dificuldades na identificação do fonema /i/ no sistema vocálico em posição acentuada do PA. A ocorrência desse fonema em posição acentuada no *corpus* analisado foi comprovada não por um, mas por dois grafemas: <i> e <y>. A comprovar que os dois grafemas representam um único fonema no *corpus* consultado, está a possibilidade de rima entre os grafemas distintos, já que, se eles representassem vogais com qualidades fonológicas diferentes, não haveria possibilidade de rima entre eles.

(4.58)

Aquela nav' y meteran per cordas, com' **aprendi**,
 no rio que estreí' era, e non podia pois d' y
 sair per nulla maneira; porend' estava **assy**
 a nave come perduda, que ata en Monpesler
 Ben pode seguramente demanda-lo que quiser
 aa Virgen tod' aquele que en ela ben crever.
 (2ª estrofe da CSM 271)

21 Conforme se pode observar, Maia (1997) também identificou, em seu material de análise, o grafema <j>, entre os grafemas que representam o fonema vocálico /i/.

Os dados comprovam, portanto, a ocorrência da vogal alta anterior (/i/) em posição acentuada no sistema vocálico do PA e mostram que ela aparece representada, no *corpus* analisado, pelos grafemas <i> e <y>.

Vogal alta posterior (/u/)

A vogal alta posterior (/u/) em posição acentuada não oferece dificuldade alguma de interpretação, conforme observamos anteriormente, uma vez que esse fonema está representado, no *corpus* analisado, por um único grafema vocálico <u>.

Nesse sentido, pode-se dizer que o *corpus* analisado confirma a ocorrência do fonema /u/, no sistema vocálico do PA, em posição acentuada, e mostra que ele está sendo representado, nas CSM, por um único grafema vocálico <u>. A seguir, está indicado um exemplo de rima, envolvendo a vogal <u> na sílaba tônica, na CSM 216:

(4.59)

Enton foi Santa Maria con el ao logar **u**
estava o demo. Quando viu a Madre de **Jesu**
Cristo, o demo lle disse: “Mentira fezische **tu**
en trager Santa Maria e a ta moller leixar.”

*O que en Santa Maria de coraçõn confiar,
non se tema que o possa per ren o dem’ enganar.*

(8ª estrofe da CSM 216)

No capítulo 1, ao abordarmos aspectos referentes à periodização do PA na história da língua, mostramos que estudiosos como Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Coutinho (1974) consideram que uma das diferenças linguísticas entre o PA (fase trovadoresca) e o português moderno está no fato de que, no século XIII, a vogal tônica, presente no morfema do participípio passado de verbos da segunda conjugação, era o <u> (*vendudo, sabudo, temudo*), e não o <i> (*vendido, sabido, temido*). Naquele momento da língua, portan-

to, de acordo com os estudiosos, o particípio de verbos da segunda conjugação não se confundia com o particípio de verbos da terceira conjugação, como ocorre no português atual: *vendido, sabido, temido, perdido, conhecido* (verbos da segunda conjugação: *vender, saber, temer, perder, conhecer*); e *partido, servido, vestido, ferido* (verbos da terceira conjugação: *partir, servir, vestir, ferir*).

Com base nessas considerações de Michális de Vasconcelos (1946) e Coutinho (1974), investigamos, nas CSM, a ocorrência do particípio passado de verbos de segunda e de terceira conjugação, a fim de verificarmos se os dados obtidos confirmavam as afirmações dos autores referidos.

Verificamos, com base na análise das CSM, que, de fato, no século XIII o particípio passado de verbos de segunda conjugação não se confundia com o particípio de verbos de terceira conjugação. A seguir, estão indicadas algumas ocorrências do particípio passado, em verbos da segunda conjugação, que foram registradas no *corpus* analisado:

(4.60)

ascondudo
atrevudo
connoçudo
convertudo
deffendudo
perduto
temudo
*vençudo*²²

A terminação *-udo*, que constituía o particípio passado de verbos de segunda conjugação no PA, aparece nas rimas de 32 CSM (2, 9, 19, 25, 28, 34, 37, 61, 65, 69, 95, 115, 145, 175, 192, 205, 208, 213, 237, 255, 267, 297, 328, 333, 345, 348, 355, 375, 376, 403, 406, 422). O trecho da CSM 95, transcrito a seguir, constitui um exemplo desse tipo de rima no *corpus* analisado:

²² Exemplos retirados das rimas da CSM 28.

(4.61)

Mais o almiral dos mouros era **entendido**,
 que nom' Arrendaff' avia, e ome **sisudo**,
 e nenbrou-lle daquel ome que fora **metudo**
 ena sota da galea e y **ascondudo**,
 e teve que por est' era seu feyto **perdudo**
 e diss': "Amigos, fol éste quen a Deus contralla."
Quen aos servos da Virgen de mal se traballa
de lles fazer, non quer ela que esto ren valla.
 (8ª estrofe da CSM 95)

As rimas terminadas em *-ido*, nas CSM, não contemplam verbos da segunda conjugação, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

(4.62)

Este joyzo logo foi **comprido**,
 e o romeu morto foi **resorgido**,
 de que foi pois Deus **servido**;
 mas nunca cobrar
 pod' o de que foi **falido**,
 con que fora pecar.
Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar
a Madre do que o mundo | tod' á de joigar.
 (14ª estrofe da CSM 26)

Sistema vocálico do PA em posição tônica

Os dados deste estudo, interpretados ao longo do presente capítulo, confirmam, pois, para o PA, o sistema vocálico (oral) constituído de sete vogais em posição tônica apontado pelos estudiosos e indicado no segundo capítulo deste livro:²³

23 Neste livro, apresentamos apenas os resultados de nossa investigação sobre o sistema vocálico oral do PA em posição acentuada. Seu sistema vocálico nasal em posição tônica será um dos temas abordados em nossos próximos estudos.

(4.63)

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

O PB atual conserva esse sistema vocálico, constituído de sete fonemas, em posição acentuada – se considerarmos para o PB atual o sistema vocálico proposto por Câmara Jr. (2007), apresentado no capítulo 2. As mudanças que se verificaram, com base no *corpus* analisado, estão relacionadas às vogais médias (anteriores e posteriores) de determinados termos do português, que mudaram de timbre, ao longo da história da língua, influenciadas por processos de natureza assimilatória, como a metafonia, conforme demonstrado ao longo deste capítulo.

Vogais pretônicas

Conforme mencionado no capítulo 2, os estudiosos apontam, para o PA, um sistema vocálico constituído de cinco vogais em posição pretônica:

(4.64)

/i/	/u/
/e/	/o/
/a/	

Tendo em vista esse sistema fonológico de vogais pretônicas apontado pela literatura consultada, o objetivo deste item é verificar em que medida os dados obtidos confirmam ou não as informações dos estudiosos sobre as vogais pretônicas do PA.

Quando se analisou a grafia das CSM, foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição pretônica:

(4.65)

<a>
<e>
<i> e <y>
<o>
<u>

O grafema <y> aparece no *corpus* como uma variante gráfica de <i>, ou seja, não foram identificados termos escritos invariavelmente com <y>. ²⁴ Dessa forma, pode-se dizer que a vogal alta /i/ é representada pelo grafema <i> nas CSM, ocorrendo, em alguns poucos termos, variação entre esse grafema e o grafema <y>:

(4.66)

iguaes (CSM 114) / *ygual* (CSM 81, 292, 72)
igreja (CSM 74, 75) / *ygreja* (CSM 35, 45, 52, 53, 59)

Na grande maioria dos termos, a vogal alta /i/ aparece invariavelmente representada pelo grafema <i>, conforme indicam os seguintes exemplos retirados do *corpus*:

(4.67)

cidade (CSM 5, 9, 14, 15, 28, 69)
dizer (CSM 2, 32, 46, 156, 283)
ficar (CSM 81, 86, 407)
primeiro (CSM 67, 91, 96, 154, 156, 187)

No que diz respeito aos demais grafemas, também foram identificados termos invariavelmente grafados com <a>, <e>, <o> e <u> na posição pretônica, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.68)

abrir (CSM 4, 234)
agora (CSM 15, 16, 65, 71)

²⁴ Ver nota 20 sobre os grafemas identificados por Massini-Cagliari (1998, p.163), na escrita do CBN, para representar o som [i].

dever (CSM 18, 25, 64, 192, 198)

virtude (CSM 9, 21, 30, 54, 57, 65, 73)

formiga (CSM 399)

moller (CSM 1, 5, 6, 17, 21, 58, 75, 76)

cruel (CSM 4, 27, 165, 393)

mudar (CSM 54, 93, 295, 361)

Esses exemplos comprovam a ocorrência, no *corpus* analisado, de cinco grafemas em posição pretônica que representam, muito provavelmente, os cinco fonemas vocálicos apontados pelos estudiosos, no segundo capítulo deste livro, para o sistema de vogais pretônicas do PA.

Embora a grande maioria dos termos não apresente variação quanto à representação escrita de suas vogais pretônicas, foram identificadas algumas variantes gráficas, principalmente entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, nas CSM.

Tomando como exemplo algumas variedades do PB atual, em que há frequentes variações entre [e] e [i], assim como entre [o] e [u], em posição pretônica – pelo menos em determinados contextos – interpretamos esses casos de variação gráfica, identificados no *corpus* analisado, como indícios de possíveis variações fonéticas entre as vogais pretônicas do PA.

Também foram identificados, embora em menor quantidade, termos que apresentavam variação gráfica entre <e> e <a> em posição pretônica.

A seguir, apresentam-se as variações gráficas, identificadas nas CSM, entre os grafemas <e> e <i>, <o> e <u>, <a> e <e>.

Grafemas <e> e <i>

Maia (1997) revela que identificou, ao analisar documentos do PA, um número considerável de variações gráficas entre <e> e <i> em posição pretônica. Para Maia (*idem*, p.355), esses casos de varia-

ção gráfica podem estar refletindo flutuações fonéticas do português falado na época:

Em posição átona, mas particularmente na sílaba pretônica, o grafema *e* apresenta-se, nos textos estudados, bastante instável, podendo alternar com outras vogais ou ditongos, ou até, algumas vezes, desaparecer: essa instabilidade gráfica é, certamente, o reflexo das profundas flutuações fonéticas que podiam sofrer as vogais átonas no antigo galego-português. [...] Aliás, o timbre das vogais átonas, sobretudo de *e* e *o* pretônicos, esteve, na fase antiga das línguas peninsulares, sujeito a grandes vacilações fonéticas, umas vezes de tipo espontâneo, outras, devido a fenômenos de tipo assimilatório.

Maia (1997) constata, pois, com base na análise de seu *corpus*, que “as vacilações fonéticas” a que esteve sujeita a vogal *e*, em posição pretônica, no PA, podiam ser espontâneas ou condicionadas por fenômenos do tipo assimilatório. Segundo a autora, o processo de harmonia vocálica (*midida*) é um dos principais responsáveis pelas variações entre <*e*> e <*i*>, em posição pretônica, no *corpus* que analisou.

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação gráfica entre <*e*> e <*i*> condicionada pela harmonia vocálica:

(4.69) Verbos:²⁵

comedir (CSM 115, 126, 143, 154, 295, 401) / *comidir* (CSM 423)
consentir (CSM 14, 64) / *consintir* (CSM 281)
ferir (CSM 12, 31, 35, 47, 239) / *firir* (CSM 31 To, 59 To, 63 To)
pedir (CSM 21, 22, 44, 64, 98) / *pidir* (CSM 44 To, 98 To, 401)
repentir (CSM 10, 94, 204, 390) / *repintir* (CSM 98 To)

25 Neste capítulo, os verbos foram arrolados no infinitivo, porque estamos considerando a forma de entrada desses vocábulos no dicionário de Mettmann (1972), de onde foram retiradas as variantes apontadas aqui. Esses verbos, no entanto, aparecem conjugados em muitas das cantigas já indicadas. O mesmo vale para os verbos listados no próximo item deste capítulo, referente às vogais pretônicas posteriores.

(4.70) Não verbos:

- crerezia* (CSM 11, 115, 125, 208, 253, 405) / *crerizia* (CSM 66, 285)
eregia (CSM 15 T, 18) / *erigia* (CSM 15 E, To)
ferida (CSM 15, 22, 28, 35, 38, 84, 141, 159) / *firida* (CSM 28 To,
63 To, 84 To)
menina (CSM 79, 84, 94, 122, 132, 133, 180 T, 195, 378) / *minina* (CSM 180,
317, 285, 321)
menino (CSM 4, 5, 6, 21, 23, 53 T, 138 T, 215, 269, 378) / *minino* (CSM 53,
115, 149, 323, 393, 403, 406)
vegia (CSM 221, 266, 269, 319, 333) / *vigia* (CSM 15, 52, 116, 124, 144, 151,
182, 193, 234, 244)
verilla (CSM 19, 224) / *virilla* (CSM 19 T, To)
vezinna (CSM 104, 241, 315) / *vizãa* (CSM 104 To)
vezinno (CSM 323, 389, 392, 411) / *vizinno* (CSM 359) /
vizão (CSM 23 To)

A grande maioria desses termos preserva, no PB atual, a grafia com a vogal média etimológica <e> (*ferir*, *pedir*, *ferida*, *menino* etc.). Por sua vez, a variante com [i] (*firir*, *pidir*, *firida*, *minino*) é bastante frequente na fala de muitas variedades do PB atual, conforme mostram alguns estudos variacionistas desenvolvidos no País e indicados no segundo capítulo deste livro. A harmonia vocálica, de maneira geral, é bastante recorrente no PB atual, sendo, ainda, a responsável por grande parte dos casos de elevação de vogal pretônica na fala de algumas variedades da língua (cf. Carmo, 2009). Esses fatos constituem um argumento a favor de se considerarem as variações gráficas, apontadas em (4.69) e (4.70), como reflexos de variação fonética recorrente na língua falada no século XIII.

Desses termos, apenas *virilha* (*virilla*), *vizinho* (*vizinno/vizão*), *vizinha* (*vizãa*) e *vigia* apresentam, no PB atual, uma vogal alta /i/ em suas sílabas pretônicas. Verificamos no dicionário etimológico de Machado (1952) que a vogal pretônica do vocábulo *vigiar* é proveniente de um *i* breve latino (*vīgīlāre*), que originou, no PA, a vogal média /e/ em posição pretônica, conforme indicado no segundo capítulo deste livro. Esses dados levam-nos a afirmar que, no PA,

ocorria a forma com vogal média etimológica <e>, representada em *vegia*, que variava com *vigia*, por causa da influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica. Ao longo da história da língua, a variante fonética (*vigia*) foi incorporada pela fonologia e pela ortografia do português, em detrimento da variante com vogal média etimológica (*vegia*).

De uma maneira interessante, esses dados levam-nos a refletir sobre as relações que se podem estabelecer entre forma fonética, forma etimológica, forma ortográfica e forma de base quando se analisa a ocorrência de uma vogal em um termo qualquer. A vogal alta /i/, por exemplo, presente na forma de base e na ortografia padrão do termo *vigia* no PB atual, é proveniente de uma variante fonética, e não de uma variante etimológica (*vegia*), conforme mencionado anteriormente. No caso de um termo como *ferida*, a vogal pretônica etimológica <e> permanece (pelo menos na ortografia) no PB atual, embora a vogal alta [i] esteja constantemente presente na fala de muitas variedades da língua, provocada pela influência da vogal alta /i/ da sílaba tônica (harmonia vocálica).

No que diz respeito ao vocábulo *vizinno* (*vizinho*), verificamos, em Cunha (2000, p.826), que sua vogal pretônica é proveniente de um *i* longo latino (*vīcīnus*). A vogal etimológica, portanto, não explica a ocorrência da variante grafada com <e> no *corpus* analisado, uma vez que o *i* longo do latim originou, no PA, a vogal alta /i/ (*vizinno*), conforme mencionado no segundo capítulo deste livro. A grafia com <e>, nas variantes *vezinno* e *vezinna*, pode ter aparecido, nas CSM, por influência da grafia de termos como *vegia*, grafados com <e> etimológico, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], em determinadas situações, se considerarmos as variações gráficas (fonéticas?) já apontadas.²⁶

Também foram identificados, nas CSM, casos de harmonia vocálica envolvendo a vogal alta posterior (/u/) na sílaba tônica:

26 Os dicionários etimológicos consultados não informaram se a vogal pretônica do termo *virilha* (derivado de *viril*) era longa ou breve no latim: *virilis* (Cunha, 2000, p.824).

(4.71)

fegura (CSM 82, 149) / *figura* (CSM 29, 39, 44, 47, 76, 196, 256)
sesudo (CSM 62 E) / *sisudo* (CSM 28, 54, 65, 67, 95)
creatura (CSM 29, 39, 40, 201, 224, 335, 340, 399) / *criatura* (CSM 392)
meudo (CSM 208 F, 337 E, 119 T, 208 E) / *miudo* (CSM 28 E, T, To; 31 E, T;
 46 T, To; 117 E, T; 119 E)
ameude (CSM 46 E, T; 67 T, To; 146, 161, 175, 184, 255 E) / *amiude* (CSM
 42 To, 257, 303 E)
feuza (CSM 362) / *fiuza* (CSM 51, 362 To, F)

No caso de *fegura/figura*, a variação estendeu-se para o derivado nas variantes gráficas *fegurar/figurar*, também identificadas no *corpus*. Todos esses termos apresentam, no PB atual, uma vogal alta /i/ em suas sílabas pretônicas: *figura*, *figurar*, *sisudo*, *criatura*, *miudo*, *amiude* e *fiuza*.

Williams (1975, p.54) mostra que a vogal pretônica do termo *figura* é proveniente de um *i* breve latino (*figuram*), que originou, no PA, uma vogal média /e/ em posição pretônica. Dessa maneira, a grafia com a vogal média, nas variantes *fegura* e *fegurar*, no *corpus* analisado, pode ser atribuída à origem dessas vogais no latim clássico. Os dados levam-nos a acreditar que, no PA, existia a forma *fegura*, com <e> etimológico, que variava com *figura*, não apenas na grafia, mas também, muito provavelmente, na fala, se considerarmos que a variação gráfica está refletindo uma variação fonética da época. Ao longo da história da língua, a variante com vogal média etimológica (*fegura*) deu lugar à variante fonética com vogal alta (*figura*), na sílaba pretônica, que foi incorporada pelos sistemas fonológico e ortográfico do português.

A grafia com vogal média da variante *creatura*, identificada no *corpus*, também pode ser atribuída a sua origem no latim clássico: *creatura* (cf. Machado, 1952). A variação gráfica entre *creatura* e *criatura* leva-nos a acreditar que, no PA, a vogal média (etimológica) do termo *creatura* variava com a vogal alta (*criatura*) na escrita e, muito provavelmente, na fala da época. Não podemos afirmar,

entretanto, como fizemos para o substantivo *figura*, que a vogal alta /i/, presente no termo *criatura* do PB atual, possa ser atribuída ao processo de harmonia vocálica, em razão da influência da vogal alta /u/ da sílaba tônica, uma vez que esse termo é um derivado do verbo *criar*,²⁷ que já aparece com vogal alta no *corpus* analisado.

Quanto à grafia com <e> na variante *feuzza*, identificada no *corpus* analisado, não podemos explicá-la com base na etimologia da palavra, uma vez que verificamos, em Nunes (1960, p.57), que sua vogal pretônica é proveniente de um *i* longo do latim clássico (*fīdūcia*). A grafia com vogal média em *feuzza* não é, portanto, etimológica, como em *fegura*. Ao contrário, a vogal etimológica, nesse caso, é a presente na variante *fiuza*, que permanece no PB atual. Como afirmamos para as variantes gráficas *vezinno* e *vezinna*, a grafia com vogal média em *feuzza* pode ter sido adotada por influência dos termos grafados com <e>, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], diante de uma vogal alta na sílaba tônica – pelo menos em algumas variedades do PA – se considerarmos as variações gráficas, apontadas em (4.69), (4.70) e (4.71), como reflexos de variações fonéticas verificadas naquele momento da língua. Nesse caso, poderíamos arriscar dizer que quem grafou *feuzza* considerou, possivelmente, que a vogal média /e/ (e não /i/) representasse a vogal etimológica (como em *fegura*), e que uma grafia com <i> refletiria apenas uma variação da fala (também como em *figura*) e que, por isso, não seria a mais “adequada” para ser adotada (seria, pois, um caso de hipercorreção no PA?).²⁸

Além da harmonia vocálica, Maia (1997, p.366) aponta o fenômeno de assimilação à vogal alta da sílaba seguinte, que precede imediatamente a tônica (*cymjteiro*), como um dos responsáveis pela elevação da vogal pretônica /e/ no PA.

27 Os casos de levantamento de vogal pretônica em hiatos, como em *criar*, *incendiar* e *diante*, serão discutidos mais adiante.

28 Não encontramos informações etimológicas sobre a vogal pretônica das variantes *sesudo/sisudo*, *meudo/miudo* e *ameude/amiude*, anteriormente mencionadas, identificadas no *corpus*.

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação entre <e> e <i> relacionados à assimilação ao timbre da vogal alta (/i/) da sílaba adjacente:

(4.72)

*arcedi*ago (CSM 202 F, 204) / *arcedi*ago (CSM 202)
*avezi*mao (CSM 346) / *avezi*mao (CSM 127, 329)
*crocefi*gar (CSM 12 T, To; 267 F) / *crocefi*gar (CSM 12, 99, 267)
*esperit*al (CSM 16, 42, 91, 179, 324) / *esperit*al (CSM 35)
*nemig*alla (CSM 65, 95, 117, 132, 178) / *nemig*alla (CSM 65 To, 75 E,
 To; 253 E)
*pepi*on (CSM 85 T, 102, 145, 305) / *pepi*on (CSM 85 E)
*peti*çon (CSM 146, 265, 305, 386, 401) / *peti*çon (CSM 146 T, 401 To)
*pregui*çoso (CSM 37, 69, 171) / *pregui*çoso (CSM 363)

Para os derivados *peti*çon e *pregui*çoso, a explicação para o levantamento da vogal pretônica, nas formas *peti*çon e *pregui*çoso, também pode estar nos substantivos primitivos *pregui*ça ([*prigui*ça]) e *pedir* ([*pidir*]) se levarmos em consideração as seguintes palavras de Bisol (1983, p.94): “o condicionamento por excelência é a vizinhança com alta seguinte (**medida ~ midida**) que se estende por paradigmas envolvendo vocábulos em que essa vogal não aparece (**aborrecer ~ aborricer ~ aborricido**)”.

Maia (1997) também aponta a influência da consoante adjacente como um dos fatores responsáveis pela variação entre <e> e <i> no PA. Para a autora, muitos dos casos de redução vocálica, em documentos do PA, podem ser atribuídos à influência da consoante palatal – precedente (*Gir*aldo) e seguinte (*myll*or, *pi*ñor).²⁹

Identificamos, no *corpus* analisado, os seguintes casos de consoante palatal (na sílaba seguinte) favorecendo a variação entre <e> e <i>:

29 As consoantes grifadas em *myll*or e *pi*ñor correspondem às consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, respectivamente.

(4.73) Consoante /ʒ/

legeiro (CSM 107 T) / *ligeiro* (CSM 242, 262, 354, 379, 408)
vergüindade (CSM 2 To) / *virgüindade* (CSM 2, 55, 90, 105, 132)

(4.74) Consoante /ɲ/

penñor (CSM 25, 62, 305, 369) / *piñor* (CSM 62 T, To)

Bisol (1983, p.81), em seu estudo sobre a variação da vogal pretônica na diacronia do português, aponta casos de variação entre <e> e <i>, em determinados momentos da história da língua, condicionada pela influência da consoante velar adjacente (precedente ou seguinte).

Identificamos, no *corpus* analisado, os seguintes casos de variação entre <e> e <i>, envolvendo a consoante velar, seguinte ou precedente:

(4.75) Consoante /k/ (seguinte)

Aleçante (CSM 339) / *Aliçante* (CSM 339 F)

(4.76) Consoante /k/ (precedente)

crçestal (CSM 235) / *crçistal* (CSM 165, 172, 292)
crçeschandade (CSM 309) / *crçischãidade* (CSM 107, 325)
crçeschão (CSM 205, 385) / *crçischão* (CSM 4, 15, 25, 34,
 46, 65, 253)
esçreiver (CSM 97, 251, 265) / *esçriver* (CSM 110)

(4.77) Consoante /g/ (seguinte)

megar (CSM 185) / *migar* (CSM 253)
meguar (CSM 50, 308) / *miguar* (CSM 155, 180, 348, 414)
meguado (CSM 1, 6, 23, 48, 75, 111, 211) / *miguado* (CSM 253, 273, 335)
vegar (CSM 125 To, 177, 379) / *vigar* (CSM 2, 5, 15, 35, 65, 72, 125,
 215, 238)
vegador (CSM 15 To) / *vigador* (CSM 15)

vengança (CSM 15 T, To; 115 E, To; 238 E) / *vingança* (CSM 9, 15, 19, 57, 117, 136, 154, 235, 289, 326)³⁰

Maia (1997) também identifica, em documentos do PA, casos de variação da vogal pretônica em início absoluto de palavra. A esse respeito, Maia (idem, p.357) declara: “da análise dos diferentes tipos de grafia documentados em inicial absoluto, pode concluir-se que no galego-português, pelo menos desde o século XIII, /e/ se realizava, ou podia realizar-se, como [i] e, por vezes, como o ditongo *ei* [éi]”.³¹

No *corpus* analisado, foi identificada a variação gráfica entre <e>, <i> e <ei>, em posição inicial absoluta, na palavra *igreja*, que aparece grafada, nas CSM, como *egreja*, *eigreja* e *igreja*. Segundo Williams (1975, p.55), todo *ei*- inicial do PA tornou-se *i* no português atual. O autor, inclusive, cita o substantivo *igreja* entre seus exemplos. Pode-se dizer, pois, que a variação gráfica, identificada no *corpus*, revela a ocorrência de três variantes diferentes no PA, *egreja*/*eigreja*/*igreja*, entre as quais, *egreja* está bem próxima da forma latina (*eclēsiā*), e *igreja* corresponde à forma verificada no português atual.

Identificamos também variação entre <e> e <i>, em posição inicial absoluta, diante de consoante nasal ou sibilante, refletindo, pois, a variação da vogal epentética:

(4.78) Nasal

enchar (CSM 54, 404) / *inchar* (CSM 199, 201, 244, 308, 315)
Engraterra (CSM 85 T) / *Ingraterra* (CSM 35, 221, 226)

(4.79) Sibilante

eſtoria (CSM 78, 115) / *iſtoria* (CSM 219)

30 É importante observar que a consoante nasal /N/ está travando a vogal pretônica de todos os exemplos de (4.77) – o que também pode estar favorecendo o levantamento da pretônica.

31 O ditongo [éi] transcrito por Maia (1997, p.357) corresponde ao ditongo [eɨ] nos padrões da IPA.

A comprovar a ocorrência da vogal epentética, diante de sibilante, estão os diversos casos de variação gráfica em termos que aparecem, no *corpus* consultado, ora grafados com vogal inicial <e>, ora grafados apenas com <s> inicial, sem preencher, portanto, o *onset* da sílaba, conforme demonstram os seguintes exemplos:³²

(4.80)

sclarece (CSM 15) / *esclarecer* (CSM 164)
scolar (CSM 291, v.11) / *escolar* (CSM 291, v.1)
scrito (CSM 139) / *escrito* (CSM 35, 65, 97, 219, 261, 384, 386)
scritura (CSM 53, v.2) / *escritura* (CSM 6; 53, v. 38; 364, 384,
 392, 403, 419)
scuso (CSM 102, 214) / *escuso* (CSM 212, 305)

Também foi identificada, nas CSM, variação entre <e> e <i> em casos que a vogal pretônica encontra-se em hiato com a vogal tônica da sílaba seguinte – pelo menos no PA.

(4.81)

alumear (CSM 36, 49, 313 E, F; 316 E, F; 332 E; 340 E, 362) /
alumiãr (CSM 92)

Discussões sobre o estado atual da língua à parte, no que diz respeito à realização desses encontros vocálicos como hiato ou ditongo,

32 Massini-Cagliari (2005, p.98), ao analisar a ocorrência, nas CSM, da consoante <s>, em início de palavra, seguida de outra consoante (por exemplo, *strela*, *Spirito*, *sclareceu* etc.), constata que essa sequência sempre ocorre, no *corpus* analisado, depois de palavra terminada em vogal: o que “liga o ‘S desgarrado’ à coda da sílaba anterior”. Nos casos em que não há uma vogal precedendo a sequência S+C (consoante), a autora mostra que o editor das CSM (Mettmann, 1986a, 1988, 1989) insere um <e> epentético para “acertar” a contagem das sílabas poéticas dessas cantigas. De acordo com Massini-Cagliari (idem), na CSM 384 (v.18), por exemplo, Mettmann (1989, p.282) insere uma vogal <e>, ao perceber que, sem essa vogal, o verso não teria o número de sílabas poéticas exigido pela métrica do poema: “que ao çeo semella quand’ é con sas [e]splandores”.

são interessantes as seguintes palavras de Maia (1997, p.368-9) sobre a história dessas vogais pretônicas do português:

O grafema *e* da sílaba pretônica, quando seguido de vogal tónica com a qual se encontra em hiato, pelo menos durante os primeiros séculos do período estudado, pode representar a vogal *e* (possivelmente *e* fechado) ou *i*. Como é sabido, neste contexto, a vogal *e* passou a *i*, inicialmente com valor vocálico e, portanto, constituindo núcleo de sílaba, passando mais tardiamente a ter valor assilábico, ou seja, de semivogal. Nuns casos, essa alteração da língua falada fixou-se na grafia (cf. *incendiar*, *diante*, *vier*, *criança*, etc.), continuando, no entanto, muitas formas a manter, ainda hoje, as grafias mais antigas (cf. *nomear*, *geada*, *passear*, etc.). [...] As escassas formas com *i* (*y* ou *j*) (cf. *criança*, *diante*, *vier*) provam que, pelo menos desde o séc. XIII, *e* pretónico em hiato com a vogal da sílaba tónica tinha começado a fechar-se em *i*.

Foram identificados também, nas CSM, casos de encontros vocálicos, como os já apontados, invariavelmente grafados com vogal <e>: *deante*, *deanteiro*, *adeante*, entre outros.

Por fim, alguns casos de variação gráfica, identificados no *corpus* em questão, são entre termos derivados, construídos a partir dos sufixos *-idade* e *-mento*, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

(4.82) Sufixo *-idade*

enfermedade (CSM 218, 221, 321, 367) / *enfermidade* (CSM 54, 65, 93, 134, 166)

(4.83) Sufixo *-mento*

atrevemento (CSM 34) / *atrevimento* (CSM 34 T, To)
entendemento (CSM 320, 382, 418) / *entendimento* (CSM B, 34, 297, 423)

No caso dos termos com sufixo *-mento*, pode-se dizer que a vogal <e>, presente em cada uma das variantes, está relacionada à

vogal temática *e* dos verbos *atrever* e *entender*, a partir dos quais foram formados os substantivos *atrevimento* e *entendimento*, respectivamente.

De todas as variações identificadas no *corpus*, o levantamento da pretônica não pôde ser atribuído a um dos contextos fonéticos anteriormente mencionados em pouquíssimos casos:

(4.84)

celorgião (CSM 157, 177, 385) / *cilurgiano* (CSM 177 M)
mantenente (CSM 9, 15, 23, 25, 34) / *mantinente* (CSM 253 E, 374)
offereçon (CSM 31, 327, 417 To) / *offeriçon* (CSM 417 E)

Esses casos ficam ainda mais reduzidos se considerarmos o contexto da sibilante /s/ como favorecedor do levantamento de /e/ em posição pretônica, já que essa consoante partilha do mesmo traço (coronal) da vogal alta [i]. Embora não tenha sido mencionado por Maia (1997) e Bisol (1983), como favorecedor de redução vocálica (para a vogal /e/), o contexto da sibilante aparece em um dos casos de variação anteriormente apontados:

(4.85) Consoante /s/

celorgião / cilurgiano

Além disso, se levarmos em consideração que a consoante /t/ também partilha o mesmo traço (coronal) da vogal alta [i], também explicaremos a variação em:

(4.86) Consoante /t/

mantenente / mantinente

Dessa forma, pode-se dizer que, para a grande maioria das variações gráficas entre <e> e <i>, identificadas no *corpus* analisado, havia um contexto fonético-fonológico favorecedor do levantamento da vogal pretônica. Esse fato constitui mais um argumento a favor de se considerarem essas variações gráficas como reflexos de variação

fonética da língua falada no século XIII, uma vez que o levantamento da pretônica ocorreu, na grande maioria dos dados indicados, em contextos específicos e bem delimitados, que são responsáveis pelo levantamento da vogal pretônica /e/ na fala de muitas variedades do PB atual, conforme revelam os estudos variacionistas desenvolvidos em diversas regiões do País (ver capítulo 2).

Com base no que foi exposto, pode-se dizer, portanto, que há, no *corpus* analisado, frequentes variações gráficas entre a vogal média <e> e a vogal alta <i>, condicionadas ou não pela influência de vogais ou consoantes adjacentes. Essas variações gráficas, identificadas no *corpus*, refletem, muito provavelmente, variações fonéticas da língua falada na época dos trovadores. Os dados obtidos mostram, inclusive, que muitos dos contextos fonético-fonológicos produtivos, no PB atual, quanto ao levantamento de vogal pretônica /e/, são bem antigos na língua: parecem atuar desde o século XIII.

Quanto à ocorrência das vogais anteriores, no sistema vocálico do PA, em posição pretônica, pode-se concluir, com base nos dados apresentados, que, no PA, ocorriam tanto /i/ como /e/ em posição pretônica, e, em determinadas situações, havia variação entre [e] e [i].

A comprovar a ocorrência dos fonemas /e/ e /i/, no *corpus* analisado, estão os muitos exemplos de palavras grafadas invariavelmente com <e> ou <i> em posição pretônica. Conforme observamos no início deste capítulo, a grande maioria dos termos identificados nas CSM não apresentava variação gráfica entre suas vogais pretônicas. No que diz respeito ao fonema /i/, aparecia representado pelo grafema <i>, na grande maioria dos termos identificados no *corpus*, que apresentava uma vogal alta na sílaba pretônica, conforme indicam os exemplos apontados em (4.67) (*cidade, dizer, ficar, primeiro*). O grafema <e> também representava, na maioria dos termos identificados, o fonema vocálico /e/, proveniente das vogais latinas *ĕ*, *ē* e *ĩ*. Além disso, foram identificados muitos termos, no PA, grafados invariavelmente com vogal média <e> em posição pretônica, proveniente de um *ĩ* do latim clássico, e que já não apresentam a mesma vogal, no português atual, conforme mostram os seguintes exemplos: *emperador, imperio, enveja, licença, vertude, vertuoso*, entre outros.

Grafemas <o> e <u>

Sobre a variação gráfica entre as vogais posteriores em posição pretônica inicial absoluta, Mattos e Silva (2006, p.59), valendo-se também de exemplos retirados das CSM, declara o seguinte:

Nessa distribuição, a grafia variável entre <o> / <u> e até mesmo o ditongo <ou> – simétrico ao que ocorre com <e>, <i>, <ei> – é esporádica; contudo está documentada [...] Nas *Cantigas de Santa Maria* (séc. XIII) e nos *D.S.G*³³ (séc. XIV) ocorrem: *homildade/humildade*, *homilde/humilde*, *homildoso/humildoso*, *homildança/humildança* (com ou sem *h* inicial); também *orgulho/urgulho*. Vale notar que em todos os exemplos destacados a vogal que tem representação gráfica variável está seguida de vogal alta na sílaba vizinha. Seria alteamento, se admitirmos a realização alteada, condicionado; mais um caso, portanto, de harmonização vocálica.

Das variantes apontadas por Mattos e Silva (*idem*), no que diz respeito às CSM, identificamos apenas a variação *omildade/umildade*, registrada no glossário organizado por Mettmann (1972), no qual foram registrados os termos *omildança*, *omildoso* e *orgullo*, todos sem nenhuma indicação a respeito da coexistência de variantes gráficas no *corpus* estudado.

No que diz respeito à variação gráfica entre as vogais posteriores, em posição pretônica interna, ou seja, em posição não inicial, Mattos e Silva (*op. cit.*, p.60) afirma:

Simetricamente ao que se passa na variação <e> / <i> nessa mesma posição, ocorre com as posteriores grafadas <o> / <u>: a variação gráfica mais destacada ocorre quando na sílaba acentuada estão /i/ e /u/, vogais ou semivogais. O mesmo fenômeno assimilatório, ou seja, a harmonização na direção da vogal alta, já está indicado na grafia do documento do século XIII.

33 *Diálogos de São Gregório*.

Nos dados que coletou, Maia (1997) também aponta a harmonia vocálica como um dos fatores responsáveis pela variação entre <o> e <u> em posição pretônica. Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação entre vogais pretônicas posteriores, condicionada pela harmonização vocálica:

(4.87) Verbos

bolir (CSM 21) / *bulir* (CSM 21 To)
descobrir (CSM 93, 97, 115, 131, 149, 151, 159, 299, 316, 404, 405, 410) /
descubrir (CSM 316 F)
destruir (CSM 15, 45, 90, 113, 267) / *destruir* (CSM 384, 392, 401, 414)
fogir (CSM 14, 17) / *fugir* (CSM 11, 33, 45, 155)
mogir (CSM 325) / *mugir* (CSM 69)
nozir (CSM 109, 134, 193) / *nuzir* (CSM 5, 190)
ongir (CSM 54, 93) / *ungir* (CSM 204, 404, 424)
recodir (CSM 5, 64, 244, 246, 317) / *recudir* (CSM 184, 223, 257, 349, 399)
resorgir (CSM 21, 143, 204, 224, 226) / *resurgir* (CSM 1, 76, 149, 168, 178)
sobir (CSM 40, 45, 146, 165, 168, 180, 383) / *subir* (CSM 285, 423)
somir-se (CSM 216) / *sumir-se* (CSM 36)
consumir (CSM 141, 222, 225) / *consumir* (CSM 116, 413)

(4.88) Não verbos

Andalozia (CSM 83 T, To) / *Andaluzia* (CSM 83, 221, 235, 248,
367, 398)
Todia (CSM 325 E; 344, v.12) / *Tudia* (CSM 325 F; 326; 329; 344, v.1,
9, 18; 347)
madodinho (CSM 54, 55, 111, 152, 262, 407) / *madudinho* (CSM 65 E, 367)
jostiça (CSM 164, 175, 186, 291, 326, 352) / *justiça* (CSM 78, 119, 164, 221,
291, 392, 401)
joiz (CSM 5, 72, 119, 235) / *juiz* (CSM 70, 76)
joizo (CSM 26, 27, 48, 341, 401) / *juizo* (CSM 79, 240)

No caso de *jostīça/justīça*, a variação estendeu-se para os derivados:

(4.89)

josticeiro (CSM 175, 193, 213, 349) / *justiceiro* (CSM 45, 302, 379, 392)
josticiar (CSM 193 T) / *justiçar* (CSM 193, 301, 357)

Conforme se pode observar, a grande maioria desses termos apresenta, no PB atual, uma vogal alta /u/ em suas sílabas pretônicas: *bulir*, *destruir*, *fugir*, *ungir*, *ressurgir*, *subir*, *sumir* e *consumir*, entre os verbos, e *justiça*, *juiz* e *juízo*, entre os nomes.

Dos exemplos arrolados em (4.87), somente *descobrir* é grafado, no PB atual, com a vogal média etimológica <o>. Essa forma verbal (*descobrir*), no entanto, é pronunciada com vogal alta [u] em posição pretônica por influência do timbre da vogal tônica, em muitas variedades do PB atual, conforme revelam os estudos variacionistas dedicados a esse tema (ver capítulo 2). Mais um argumento, portanto, a favor de se interpretarem as variações gráficas, apontadas em (4.87) e (4.88), como reflexos de variação fonética do português falado no século XIII: a variante gráfica *descubriř* indica que a harmonia vocálica já era um fenômeno recorrente no português do século XIII.

No caso dos verbos *bulir*, *destruir* e *fugir*, as variantes grafadas com <o> (*bolir*, *destruir*, *fogir*), identificadas nas CSM, mostram que, naquele momento da língua (século XIII), a vogal etimológica <o>, proveniente de um *u* breve latino (*bŭllire*, *destrŭere*, *fŭgire*),³⁴ ainda ocorria no português (pelo menos na escrita). Por sua vez, as variantes grafadas com <u> levam-nos a acreditar que as formas com a vogal alta (*bulir*, *destruir*, *fugir*), presentes no PB atual, já apareciam, no PA, por causa do processo de harmonia vocálica. Além disso, esses dados levam-nos a afirmar que, ao longo da história da língua,

34 Informações retiradas de Cunha (2000). No segundo capítulo deste livro, mencionamos que o *u* breve latino originou, no PA, a vogal média /o/ em posição pretônica.

o português incorporou, em detrimento das variantes etimológicas (*bolir*, *destruir*, *fugir*), as variantes fonéticas (*bulir*, *destruir*, *fugir*), presentes na língua, ao que tudo indica, desde o PA.

Para as vogais pretônicas posteriores, cabe o mesmo raciocínio atribuído às vogais pretônicas anteriores, relacionado às associações que podem ser estabelecidas entre forma fonética, forma etimológica, forma ortográfica e forma de base de um determinado termo, no que diz respeito a suas vogais. A vogal alta /u/, presente na forma de base e na ortografia padrão de um termo como *fugir* no PB atual, é proveniente de uma variante fonética, e não de uma variante etimológica (*fogir*), como já mencionado. No caso do termo *descobrir*, a vogal pretônica etimológica <o> permanece (pelo menos na ortografia) no PB atual, mas a vogal alta [u] aparece com frequência na fala de muitas variedades da língua, por causa da influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica (harmonia vocálica).

Quanto às variantes *mogir*/*mugir*, identificadas nas CSM, a grafia com <o> em *mogir* não reflete a vogal etimológica do termo, uma vez que sua vogal pretônica é proveniente de um *u* longo latino (*mūgīre*), de acordo com Cunha (2000, p.537). Nesse caso, a vogal <u>, identificada na grafia atual desse termo (*mugir*), corresponde a sua vogal etimológica (*ū*), e não à vogal de uma variante fonética, como em *bulir* e *fugir*. Dessa forma, a grafia com <o>, em *mogir*, identificada no *corpus* analisado, talvez possa ser explicada pela influência da grafia de termos como *bolir* e *fogir*, por exemplo: quem grafou *mogir* teria acreditado que o /o/ fosse a vogal etimológica (como em *bolir* e *fogir*), e que uma forma grafada com <u> não seria a mais “adequada” porque refletiria apenas uma variação da fala, provocada pela harmonia vocálica.

Foi identificado, no *corpus* em questão, apenas um caso de variação entre <o> e <u> envolvendo a vogal alta /u/ na sílaba tônica (harmonia vocálica):

(4.90)

sepoltura (CSM 15 To, 292, 312 F) / *sepultura* (CSM 15 E, T; 419)

Além disso, identificamos, no *corpus* analisado, um caso de variação entre <o> e <u> que pode ser atribuído à assimilação ao timbre da vogal alta /u/, presente na sílaba átona, que segue imediatamente a pretônica:

(4.91)

envorullar (CSM 215) / *envurullar* (CSM 180, 420)

Maia (1997) aponta ainda casos de variação entre <o> e <u>, em documentos do PA, condicionada pela influência da consoante adjacente. A autora mostra, assim, exemplos de redução vocálica, no PA, envolvendo a consoante labial (*pudar*, *pumares*), presente na sílaba contígua. Bisol (1983, p.81) também indica alguns casos de redução vocálica, em determinados momentos da história do português, condicionada pela influência da consoante labial (*almofada* ~ *almufada*, *hostela* ~ *hustela*), precedente ou seguinte.

Com consoante labial seguinte à vogal pretônica, foi identificado, nas CSM, o seguinte caso de variação:

(4.92) Consoante /b/

adobar (CSM 125, 286, 293) / *adubar* (CSM 95, 105, 172, 292, 335, 369)

Com consoante labial precedente à vogal pretônica, foram identificados, no *corpus* analisado, os seguintes casos de variação entre <o> e <u>:

(4.93) Consoante /b/

horges (CSM 311) / *hurges* (CSM 93, 251, 265, 409)

(4.94) Consoante /m/

comoyon (CSM 104, 128) / *comuyon* (CSM 4 E, To; 104 To)
escomoyon (CSM 65) / *escomuyon* (CSM 65 T)

(4.95) Consoante /f/

fundomento (CSM 33, 364) / *fundumento* (CSM 358)
forodo (CSM 211 M) / *furudo* (CSM 211, 315)

Maia (1997) e Bisol (1983) também apontam casos de redução vocálica, na história do português, envolvendo a consoante palatal: *culler*, *muler*, *cunado*.³⁵

Identificamos, nas CSM, os seguintes casos de variação envolvendo a consoante palatal, presente na sílaba seguinte:

(4.96) Consoante /ʒ/

cofojon (CSM 91, 239, 272) / *cofujon* (CSM 91 T, 272 F) / *confujon*
(CSM 91 To)
celorgiao (CSM 157, 177, 385) / *cilurgiano* (CSM 177 M)

Embora Maia (idem) e Bisol (idem) não tenham apontado a consoante palatal que precede a vogal pretônica como favorecedora de variação entre <o> e <u>, identificamos, nas CSM, casos de variação envolvendo esse contexto:

(4.97) Consoante /ʒ/

juogar (CSM 6, 42, 136, 154, 156, 163, 254, 401) / *juugar* (CSM 174 E)
juoigar (CSM 11, 26, 50, 75) / *juuigar* (CSM 1, 235)

Para Bisol (op. cit., p.81), alguns dos casos de redução vocálica, identificados na diacronia do português, podem ser explicados pela influência da consoante velar (*colete ~ culete*) que precede a pretônica. Foram identificados, nas CSM, os seguintes casos de variação entre <o> e <u>, envolvendo a consoante velar precedente:

(4.98) Consoante /k/

ascoitar (CSM 16, 53, 214, 228, 236) / *ascuitar* (CSM 57, 65, 67, 99, 135)
colberto (CSM 28, 69, 154, 208, 318, 406) / *culberto* (CSM 65, 208 F)
colidado (CSM 45 E, 199) / *culidado* (CSM 45, 65, 83, 88, 218)

35 As consoantes grifadas correspondem às consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, presentes nos termos do PB atual: *colher*, *mulher* e *cunhado*.

*co*idar (CSM 75 E, T; 86 E; 104 E, To; 208 E; 209) / *cu*idar (CSM B, 4, 5, 8, 9, 26, 206, 213, 380)
*co*itelo (CSM 84 E; 105 T, To) / *cu*itelo (CSM 5, 105, 157, 174, 184)
*co*lpar (CSM 272 F) / *cu*lpar (CSM 38, 272)
*co*star (CSM 5, 292, 306) / *cu*star (CSM 128, 218)
*co*teife (CSM 22) / *cu*teife (CSM 194)
*cro*cefigar (CSM 12 T, To; 267 F) / *cr*ucifigar (CSM 12, 99, 267)
*en*coberto (CSM 401 To) / *en*cuberto (CSM 194, 401)

Maia (1997) e Bisol (1983) também não consideram a influência da consoante velar, na variação entre <o> e <u> pretônicos, quando esta sucede a vogal pretônica. Identificamos, no entanto, casos de variação entre <o> e <u>, no *corpus* analisado, envolvendo a consoante velar seguinte:

(4.99) Consoante /g/

*log*ar (CSM 5, 7, 27, 28, 33, 34, 43, 63, 65, 94, 102, 121, 125, 281, 403) / *lug*ar
 (CSM 65, 71, 73, 75, 105)
*Porto*gal (CSM 271, 275) / *Portu*gal (CSM 95, 222, 224, 235, 237, 245, 267, 271, 275 F, 316, 416)

No caso das variantes *Porto*gal e *Portu*gal, é preciso ter em mente que o termo, envolvido nessa variação, é resultado da junção de duas palavras na história da língua: *Porto Gale*. Nesse caso, portanto, uma vogal átona final <o>, que podia ser realizada como [o] ou como [u], originou uma vogal pretônica em *Porto*gal/*Portu*gal.

A variação *log*ar/*lug*ar, identificada no *corpus*, leva-nos a acreditar que, no PA, ocorria a forma com vogal média etimológica (do latim *locālis*),³⁶ representada na forma grafada com <o> (*log*ar), que variava com *lug*ar. Ao longo da história do português, a forma com vogal alta (*lug*ar) foi incorporada pela fonologia e pela ortografia da língua, em detrimento da forma com a vogal média etimológica (*log*ar).

36 Ver Cunha (2000, p.482).

Das variações entre <o> e <u>, identificadas nas CSM, não apresentavam nenhum tipo de condicionamento aparente, que pudesse explicar a elevação da vogal pretônica, somente os seguintes casos:

(4.100)

oviar (CSM 45, 419) / *uviar* (CSM 65, 108, 148, 228, 239, 345, 393, 420)
pendorar (CSM 158, 159, 242, 271, 355) / *pendurar* (CSM 13 E, T; 158 T;
 242 F; 308)
ressocitar (CSM 11, v. 2; 21; 84 T; 111, v.2 ; 197) / *ressucitar* (CSM 6; 11,
 v.79; 43; 111, v.51; 168)
sospirar (CSM 411) / *suspirar* (CSM 71)
volonter (CSM 5, 35, 53, 115, 246, 256) / *volunter* (CSM 35 To)

Se considerarmos, no entanto, que a vogal alta presente na sílaba átona que segue imediatamente a vogal pretônica está influenciando a variação entre <o> e <u>, em *oviar/uviar*, *ressocitar/ressucitar* e *sospirar/suspirar*, reduzimos os exemplos apontados em (4.100). Além disso, a variação *sospirar/suspirar* também pode estar associada à forma *suspiro*, que apresenta uma vogal alta na sílaba tônica.

Novamente, como para as vogais anteriores, a grande maioria das variações gráficas, identificadas nas CSM, ocorre diante de contextos específicos e bem-delimitados, que influenciam o levantamento de /o/, em posição pretônica, na fala de muitas variedades do PB atual (cf. Carmo, 2009). Esse fato, portanto, também como afirmamos para as vogais anteriores, constitui um argumento a favor de se interpretarem as variações gráficas, apontadas neste capítulo, como variações fonéticas do PA: muitos dos contextos fonético-fonológicos, responsáveis pela elevação da vogal pretônica /o/ em variedades do PB atual, já atuavam sobre as vogais do século XIII, conforme indicam os dados aqui apresentados.

Dessa forma, tendo em vista o que foi apresentado, pode-se dizer que a variação gráfica entre <o> e <u>, identificada no *corpus* analisado, reflete, muito provavelmente, variações fonéticas entre essas vogais no PA. Além disso, foi possível verificar que alguns casos de levantamento de vogal pretônica <o>, que se mostravam como

variantes fonéticas (ao que tudo indica), no PA, foram incorporados pela fonologia e pela ortografia da língua, em detrimento das variantes com vogal média etimológica, como é o caso do verbo *fugir*.

Este estudo, portanto, constitui um exemplo de como é possível obter informações fonéticas e fonológicas sobre as vogais pretônicas do português, partindo de dados escritos. Conforme se pôde observar ao longo deste capítulo, o presente estudo conseguiu estabelecer uma relação entre grafemas e fonemas do PA, assim como entre variação gráfica e variação fonética, partindo de uma metodologia adequada e de uma reflexão baseada em contextos fonético-fonológicos.

Enfim, no que diz respeito ao sistema vocálico do PA em posição pretônica, a conclusão para as vogais posteriores é a mesma apresentada para as vogais anteriores: havia, no PA, tanto o fonema /o/ quanto o fonema /u/ em posição pretônica, e, em determinadas situações, ocorria variação fonética entre essas vogais. A esse respeito, Bisol (1983, p.96) conclui, após seu estudo sobre as vogais pretônicas na diacronia do português:

Este estudo parece apoiar a idéia de que havia no português antigo duas vogais e não uma só, tanto na série anterior quanto na posterior – a média e a alta – que se confundiam em determinados contextos, sob a pressão de um ou mais fatores como acontece com regras variáveis.

A comprovar a ocorrência dos dois fonemas /o/ e /u/ no PA, estão os muitos exemplos de termos invariavelmente escritos com <o> ou com <u> no *corpus* analisado. O fonema /u/, proveniente de um \bar{u} do latim clássico, aparece, na grande maioria dos termos, grafado invariavelmente com <u>, conforme demonstram os exemplos indicados em (4.68) (*cruel*, *mudar*). O fonema /o/ também aparece invariavelmente representado pelo grafema <o> na grande maioria dos termos identificados nas CSM, e muitos desses termos, como o substantivo *moller*, apresentavam, no PA, uma vogal média proveniente da vogal latina \bar{u} , diferente daquela que apresentam no PB atual (como *mulher*).

Grafema <a>

No que diz respeito ao fonema vocálico /a/ em posição pretônica, pode-se dizer que ele aparece, na grande maioria dos termos identificados no *corpus* analisado, representado pelo grafema <a>, conforme mostraram os exemplos apontados em (4.68) (*abrir*, *agora*).

Alguns termos identificados, entretanto, apresentaram variação entre os grafemas <a> e <e>. Conforme já mencionado, Said Ali (1964, p.34) afirma que a variação gráfica entre <a> e <e>, em alguns termos do PA, reflete uma possível distinção entre *a* aberto e *a* fechado, naquele momento da língua.

Em grande parte das variações gráficas, identificadas nas CSM, entre as vogais <a> e <e>, a vogal pretônica está travada por consoante nasal, conforme indicam os exemplos a seguir:

(4.101)

Alanquer (CSM 316) / *Alenquer* (CSM 271)
Amperadriz (CSM 235, 419) / *Emperadriz* (CSM 5, 35, 115, 146, 298)
anfaz (CSM) / *enfaz* (CSM 105, 122 T, 235)
desamparar (CSM 51, 55, 171, 218, 299) / *desemparrar* (CSM 254)
lanterna (CSM 134 T) / *lenterna* (CSM 134, 405)

Nos demais casos de variação entre <a> e <e> pretônicos, identificados nas CSM, é a sibilante /S/ que aparece travando a vogal pretônica (do termo *esperar* e derivados), conforme indicam os seguintes exemplos:

(4.102)

asperança (CSM 23, 297, 303, 354, 386, 409) / *esperança* (CSM 24, 62, 66, 119, 167, 241, 265)
asperar (CSM 195, 233, 368, 386, 417) / *esperar* (CSM 42, 130, 419)
desasperado (CSM 11, 65, 89, 201, 233) / *desesperado* (CSM 11 To)
desasperar (CSM 16, 272, 284) / *desesperar* (CSM 16 To)
desasperança (CSM 9, 154, 272) / *desesperança* (CSM 9 To)

O termo *esperar* é proveniente do latim clássico *sperare*, de acordo com os manuais de filologia do português. Esse fato comprova, pois, a ocorrência de uma vogal pretônica epentética em todos esses termos.

Finalmente, para a vogal /a/, pode-se concluir que ela aparece, de uma maneira geral e quase invariável, representada pelo grafema <a> no *corpus* analisado. Em determinados contextos, entretanto, esse grafema varia com o grafema <e>, indicando possíveis variações fonéticas na realização do fonema /a/, no PA.

Sistema vocálico do PA em posição pretônica

Tendo em vista o que foi apresentado neste capítulo, sobre o comportamento das vogais pretônicas nas CSM, pode-se concluir que os dados obtidos comprovam a ocorrência de cinco vogais pretônicas no sistema fonológico do PA, confirmando, pois, o que disseram os estudiosos no segundo capítulo deste livro. Diante dessa constatação, apresentamos, a seguir, o sistema fonológico de vogais pretônicas do PA:

(4.103)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/a/

Vogais átonas finais³⁷

Conforme mencionado no capítulo 2, Mattos e Silva (2006, p.55) propõe, para o PA, um sistema vocálico em posição átona final, cons-

37 Como os termos provavelmente proparoxítonos jamais aparecem em posição de rima (o que daria a certeza de sua pauta prosódica), no *corpus* analisado, estamos considerando apenas as vogais átonas finais para representar o sistema vocálico em posição postônica do PA. Todas as vogais postônicas identificadas nas rimas das CSM são, portanto, átonas finais.

tituído de três vogais: uma central, uma anterior e uma posterior. No tangente à realização fonética das vogais anteriores e posteriores, a autora afirma que haveria, no PA, variações que oscilariam entre [e] e [i], e entre [o] e [u], respectivamente. Para Granucci (2001, p.82), essas vogais átonas finais do PA podem ser representadas da seguinte maneira:

(4.104)

$$\begin{array}{cc} /e/ & /o/ \\ & /a/ \end{array}$$

A literatura aqui abordada considera, pois, que, no PA, já se verificava a neutralização, que ocorre no PB atual, entre [e] e [i], e entre [o] e [u], em posição átona final. O objetivo agora é verificar o que os dados obtidos revelam sobre a realização das vogais do PA em posição átona final.

Foram identificados os seguintes grafemas vocálicos em posição átona final:

(4.105)

$$\begin{array}{c} <a> \\ <e> \text{ e } <i> \\ <o> \end{array}$$

Conforme se pode observar, não identificamos, no *corpus* analisado, exemplos de termos grafados com a vogal <u> em posição átona final. No que diz respeito ao grafema <i>, aparece esporadicamente, nas CSM, sobretudo em algumas formas verbais (por exemplo, *fezisti, ouvi* etc.), sempre variando com o grafema <e> (por exemplo, *feziste, ouve* etc.). Pode-se dizer, portanto, que a vogal átona final anterior está representada, nas CSM, de uma maneira geral e quase invariável, pelo grafema <e>.

A seguir, apontamos e discutimos a ocorrência de cada um desses grafemas no *corpus* analisado.

Grafemas <e> e <i>

Sobre a variação entre os grafemas <e> e <i>, em posição átona final, em documentos do PA, Maia (1997, p.375-6) declara o seguinte:

Em posição final, quer em final absoluto quer quando entravado por sibilante ou nasal, ocorre habitualmente, de modo relativamente estável, o grafema *e*. Contudo, nos textos estudados, registrei também formas em que, em vez do grafema *e*, surge o grafema *i*.

O uso do grafema *-i* em vez de *-e* reflecte um fenómeno que já existiria na língua falada de então e que se manifesta ainda em vastas zonas dos actuais falares galego-portugueses: a realização de /e/ final como [i] ou como uma vogal de timbre intermédio entre *-e* e *-i*.

Ao analisarmos as rimas das CSM mapeadas por Betti (1997), identificamos as seguintes terminações com o grafema <e> em posição átona final:

(4.106) Em final absoluto

<i>-ade</i>	<i>-ave</i>	<i>-onte</i>
<i>-adre</i>	<i>-ece</i>	<i>-orre</i>
<i>-age</i>	<i>-ede</i>	<i>-orte</i>
<i>-ame</i>	<i>-ide</i>	<i>-oste</i>
<i>-ande</i>	<i>-isse</i>	<i>-ousse</i>
<i>-are</i>	<i>-iste</i>	<i>-ouve</i>
<i>-arte</i>	<i>-obre</i>	<i>-ude</i>
<i>-asse</i>	<i>-ole</i>	<i>-ume</i>
<i>-aste</i>	<i>-ome</i>	

(4.107) Em sílaba travada por sibilante /s/

<i>-ades</i>	<i>-erdes</i>
<i>-agres</i>	<i>-eres</i>
<i>-ardes</i>	<i>-istes</i>
<i>-ares</i>	<i>-obres</i>
<i>-artes</i>	<i>-oces</i>
<i>-astes</i>	<i>-ontes</i>
<i>-eces</i>	<i>-ores</i>
<i>-edes</i>	<i>-ozes</i>

(4.108) Em sílaba travada por nasal /n/

-*agen*

-*aren*

-*assen*

-*azen*

-*ecen*

-*issen*

A seguir, estão indicados alguns trechos das CSM envolvendo essas terminações em suas rimas:

(4.109)

E nunca nos podia | ja mayor amizade
mostrar que quand' adusse | mandado, con verdade,
que Deus ome seria | pola grand' omildade
que ouv' a Virgen sigo.

Muito foi noss' amigo

Gabriel, quando disse:

“Maria, Deus é tigo.”

(2ª estrofe da CSM 210)

(4.110)

Entre Deus e as gentes | que foren pecadores.
Poren vay-te ta via | e leixa teus pastores
que guarden teus gãados; | ca muito son mayores
de Deus as sas merções | ca ren que foss' osmada.

Bëeyto foi o dia | e benaventurada

a ora que a Virgen | Madre de Deus, foi nada.

(19ª estrofe da CSM 411)

(4.111)

Cabo do Fillo daquela omagen
e diss' o menynno: “Queres papar?”
Mais la figura da Virgen mui sagen

diss' a seu Fillo: "Di-lle sen tardar
 que non ss' espante,
 mais tigo jante
 u sempre cant' e
 aja solaz
 e seja quito
 do mui maldito
 demo que scrito
 é por malvaz."

*Maravillosos e piadosos
 e mui fremosos
 miragres faz
 Santa Maria,
 a que nos guia
 ben noit' e dia
 e nos dá paz.*

(3ª estrofe da CSM 139)

Não foram identificados casos de rima entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal, envolvendo a vogal <e>, em posição átona final. No caso da terminação *-agen*, que aparece apenas na CSM 139, identificamos a variante *-age* que aparece em três cantigas, transcritas a seguir:

(4.112)

Pois foi en Santa Maria, mostrou-sse por bestia sage:
 meteu-sse na ssa eigreja e parou-ss' ant' a omage;
 e por aver ssa raçon
 foi u as bestias metudas
 eran, que ena maison
 foran dadas ou vendudas.
*Tanto, se Deus me perdon,
 son da Virgen connoçudas
 sas mercees, que quinnon*

queren end' as bestias mudas.

(8ª estrofe da CSM 31)

(4.113)

E macar a dona de gran linnage
era, non quiseron dela menage
seus devedores; mais deu-lles en gage
seu fill', onde foi pois mui repentuda.

*Santa Maria sempr' os seus ajuda
e os acorr' a gran coita sabuda.*

(3ª estrofe da CSM 62)

(4.114)

A moça, que sage
foi, aquel viage
fez com' é usage;
foi quant' ir podia
aa mui briosa
abadess' e seu message
contou mederosa-
*Quena festa e o dia
da mui Groriosa
quiser guardar todavia,
seer-ll-á piadosa.*

(19ª estrofe da CSM 195)

Entre todas as terminações indicadas, apenas *-iste* apresenta variação com a terminação *-isti*, ambas referentes à segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Tendo em vista essa variação gráfica, analisamos as rimas das CSM a fim de verificar se os verbos terminados em *-isti* rimavam com os verbos terminados em *-iste*. Não identificamos uma rima direta entre essas terminações, mas verificamos que elas ocorrem em uma mesma cantiga (CSM 40), conforme indicado a seguir:

(4.115)

Deus te salve, groriosa
 Rea Maria,
 Lume dos Santos fremosa
 e dos Ceos Via.

Salve-te, que **concebiste**
 mui contra natura,
 e pois teu padre **pariste**
 e ficaste pura
 Virgen, e poren **sobiste**
 sobela altura
 dos ceos, porque **quesiste**
 o que el queria.
Deus te salve groriosa...

Salve-te, que **enchoisti**
 Deus gran sen mesura
 en ti, e dele **fezisti**
 om' e creatura;
 esto foi porque **ouvisti**
 gran sen e cordura
 en creer quando **oisti**,
 ssa mesageria.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca nos **disti**
 en nossa figura
 o seu Fillo que **trouxisti**,
 de gran fremosura,
 e con el nos **remisti**
 da mui gran locura
 que fez Eva, e **vencisti**
 o que nos vencia.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca **tollisti**
 de nos gran tristura

u por teu Fillo **frangisti**
 a carcer escura
 u yamos, e **metisti**
 nos en gran folgura;
 con quanto ben nos **visti**,
 queno contaria?
Deus te salve, groriosa...
 (CSM 40)

Nessa cantiga, embora não haja uma rima direta entre as terminações *-iste* e *-isti*, pode-se dizer que essas duas terminações estão representando, se não um mesmo som, um som bastante próximo (com diferença nada ou muito pouco perceptível), uma vez que, conforme se pode observar, as mesmas rimas são repetidas em todas as estrofes: *-iste, -ura, -iste, -ura, iste, -ura, -iste, -ia, -osa, -ia, -osa e -ia*. Pode-se dizer, pois, que esse fato constitui um argumento a favor de se considerar que, no PA, não havia oposição fonológica entre /e/ e /i/, em posição átona final.

Após analisar a ocorrência das vogais <e> e <i> nas rimas das CSM, consultamos todos os vocábulos presentes no glossário de Mettmann (1972), a fim de identificar casos de variação entre essas vogais em posição átona final nos demais termos do *corpus* analisado, que não haviam aparecido nas rimas. Foram identificados poucos casos de variação entre <e> e <i> em posição átona final. Na grande maioria dos casos, a variação ocorre entre formas verbais, conforme mostram os exemplos a seguir:

(4.116) Em final absoluto

(4.116a) Verbos

ouve (CSM 1, 2, 4, 5, 7) / *ouvi* (CSM 25, 38)
ouviste (CSM 241, 350, 420, 422) / *ouvisti* (CSM 40)
dixe (CSM 55, 125, 144, 233, 238) / *dixi* (CSM 196)
diste (CSM 105) / *disti* (CSM 40)
feziste (CSM 6, 14, 32, 75, 84) / *fezisti* (CSM 40)

(4.116b) Nomes

sangue (CSM 38 T To, 73, 104, 133, 149) / *sangui* (CSM 38 E, 101, 104, 154, 222)

(4.117) Em sílaba travada por nasal /n/

orden (CSM 13, 42, 47, 59, 76, 82, 201, 204, 365) / *ordin* (CSM 7, 88, 154, 241, 354, 304, 332, 365)

Com base no que foi apresentado, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que, no PA, não havia, de fato, distinção fonológica entre as vogais /e/ e /i/ em posição átona final. Os casos de variação entre os grafemas <e> e <i>, nos exemplos indicados, apontam para possíveis variações fonéticas na realização desse fonema, no PA.

Grafema <o>

Ao analisarmos as rimas das CSM mapeadas por Betti (1997), não identificamos a ocorrência do grafema <u> em posição átona final. O grafema <o> aparece, portanto, em todas as rimas que apresentam uma vogal posterior em posição átona final:

(4.118) Em final absoluto

-aço	-avo	-ico	-orto
-ado	-eço	-iço	-oso
-afo	-edo	-ido	-osso
-ago	-ego	-igo	-osto
-allo	-eiro	-indo	-ouco
-alo	-eito	-isto	-ouro
-alto	-ello	-ivo	-udo
-ando	-elo	-ogo	-uito
-ano	-ero	-oiro	-undo
-anto	-esto	-ojo	-uro
-asso	-eso	-ondo	-uso

(4.119) Em sílaba travada por sibilante /s/

-ados	-elos	-ollos
-amos	-emos	-ortos
-anos	-ermos	-osos
-antos	-idos	-ouros
-eiros	-igos	-udos
-eitos	-illos	

(4.120) Em sílaba travada por nasal /n/

-aron
-eron

Os exemplos apresentados a seguir mostram a ocorrência de algumas dessas terminações nas rimas das CSM:

(4.121)

E os panos con que era ende o altar coberto
 eran ricos e mui nobres, esto sabemos por certo;
 e per cima da eigreja era o teito coberto;
 e ostias y menguavan e vynno branqu' e vermello.
A Madre de Deus que éste do mundo lum' e espello,
sempre nas cousas minguidas acorre e dá consello.

Ond' avo na gran festa desta Virgen en Agosto
 que entrou u ome bõo, e viu estar desaposto
 o altar e disse logo: "Par Deus, muit' é gran dosto
 d'o feito da Virgen santa seer metud' a trebello."
A Madre de Deus que éste do mundo lum' e espello,
sempre nas cousas minguidas acorre e dá consello.
 (trecho da CSM 273)

(4.122)

Ca os que y jajavan foron sãos e guaridos,
 e os que comeron carne, maltreitos e mal feridos;
 e macar que sse preçavan de fortes muit' e d' ardidos,

non foi tal que non dissesse: “Quen foss’ og’ en Santaren!”
Maravillo-m’ eu com’ ousa a Virgen rogar per ren
aquele que as sas festas non guarda e en pouco ten.
 (7ª estrofe da CSM 277)

(4.123)

Quand’ esto diss’ o meno, | quantos s’y acertaron
 aos judeus foron logo | e todo-los mataron;
 e aquel que o ferira | eno fogo o queimaron,
 dizendo: “Quen faz tal feito, | desta guisa o rende.”
A que do bon rey Davi
de seu linnage decende,
nembra-lle, creed’ a mi,
de quen por ela mal prende.
 (17ª estrofe da CSM 6)

Entre as vogais posteriores, também não foram identificados casos de rima, no *corpus* analisado, entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal, envolvendo a vogal <o>, em posição átona final.

Como mencionado anteriormente, não encontramos, nas CSM, termos grafados com <u> átono final.³⁸ A vogal posterior em posição átona final aparece invariavelmente representada pelo grafema <o>: *engano* (CSM 26), *estado* (CSM 65), *feito* (CSM 6), *forno* (CSM 258), *grosso* (CSM 242), *louros* (CSM 325), *raivoso* (CSM 393), entre outros exemplos.

Com base no que foi exposto, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que não havia, no PA, oposição fonológica entre /o/ e /u/ em posição átona final, confirmando, pois, a neutralização entre esses fonemas proposta pelos estudos abordados no segundo capítulo deste livro.

38 Identificamos apenas um caso de variação gráfica, nas CSM, envolvendo o grafema <u>, mas a vogal postônica, nesse caso, não é final: *dicipolo* (CSM 426, 427) e *discipulo* (CSM 398).

Pode-se dizer, portanto, que a conclusão para a vogal posterior em posição átona final é simétrica em relação ao que se concluiu para a vogal anterior: há, no PA, uma neutralização entre vogais médias e altas, nessa posição do acento, tanto para as vogais anteriores (/e/ e /i/) quanto para as vogais posteriores (/o/ e /u/).

É possível afirmar ainda que essa linearidade entre vogais anteriores e posteriores é parcial se levarmos em consideração os casos de variação gráfica entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, identificados nas CSM. Enquanto, para as vogais anteriores, foram identificados (embora poucos) exemplos dessa variação gráfica entre vogal média e vogal alta, para as vogais posteriores, não foram registrados termos grafados com <u> átono final.

O fato de não termos registrado casos de variação gráfica entre <o> e <u> em posição átona final, no *corpus* analisado, não prova, no entanto, que não ocorriam, no PA, variações fonéticas entre [o] e [u] átonos finais. A variação pode não ter sido registrada por razões morfológicas, por exemplo, já que a vogal <o> está, geralmente, associada à marca do gênero masculino no português. Por sua vez, a total falta de dados que registrem a ocorrência da vogal <u> em posição átona final, nas CSM, pode estar indicando que, naquele momento da língua (século XIII), ao contrário do que ocorre no PB atual, era mais comum a ocorrência de [o], nessa posição, do que de [u].

Grafema <a>

Quanto ao grafema <a>, não foram identificados casos de variação envolvendo esse grafema em posição átona final. Para Maia (1997, p.519):

A vogal *a*, historicamente representante, quer de /ā/, quer de /ǣ/ do latim clássico, parece sujeita a poucas alterações. Efectivamente, nessa posição, são muito escassas as transformações que o estudo da grafia deixa entrever; de maneira quase uniforme, aparece o grafema *a*: CAUSA- > *cousa*, CAUSAS > *cousas*, MONETA > *moeda*, FACIAM > *faça*, FACIANT > *façam*, etc.

No tangente às rimas das CSM, foram identificadas, com base no levantamento de Betti (1997), as seguintes terminações com a vogal <a> em posição átona final:

(4.124) Em final absoluto

-aça	-anna	-eita	-erta	-illa	-ouca
-ada	-anta	-eja	-erva	-inta	-ousa
-aga	-ara	-ella	-esa	-ira	-uda
-ala	-arca	-ença	-essa	-irga	-ulla
-alla	-arda	-enda	-esta	-iva	-ura
-alva	-arta	-enna	-eta	-onna	
-ama	-ata	-enta	-eva	-ora	
-anca	-ava	-era	-eza	-orta	
-ança	-edra	-erna	-ida	-osa	
-anda	-eira	-erra	-iga	-ossa	

(4.125) Em sílaba travada por sibilante /s/

-adas	-ellas
-allas	-entas
-andas	-ezas
-annas	-idas
-avas	-illas
-eiras	-innas
-ejas	-udas
-elas	-uitas
-elas	-uras

(4.126) Em sílaba travada por nasal /n/

-aran
-atan
-avan
-eran
-iran
-oran

Os exemplos a seguir mostram a ocorrência de algumas dessas terminações, envolvendo a vogal átona final <a>, nas rimas das CSM:

(4.127)

Aqueste mour' era
 daquel om' e seu
 cativo, e fera-
 ment' era encreu;
 e ja o quisera
 de grad' e fezera
 crischão e dera
 lle de seu aver.
 Mais non podera,
 macar lo dissera,
 con el, ca tevera
 sempr' en descreer

*Muitas vegadas o dem' enganados
 ten os omes, porque lles faz creer
 muitas sandeces; e taes pecados
 desfaz a Virgen por seu gran saber.*

Ena Groriosa,
 e a razón
 mal e soberviosa-
 ment' e desdennar
 que era 'ng[an]osa
 muit' e mentirosa
 sa fe e dultosa
 e sen prol ter;
 e tal revoltosa
 cous' e enbargosa
 e d' oir nojosa
 non é de caber.

Muitas vegadas o dem' enganados...
 (trecho da CSM 192)

(4.128)

Sequer enas bestias mudas
 nos mostra muitas ajudas

grandes e mui con[n]osçudas
 a Sennor que todo vee.
En todo nos faz merçee
a Sennor que todo vee.
 (2ª estrofe da CSM 375)

(4.129)

Que en Sopetran aoran
 muitos e ant' ela choran;
 poren muito non demoran
 que non sejam perdoados
Aos seus acomendados
a Virgen tost' á livrados.
 (6ª estrofe da CSM 83)

Para a vogal <a> em posição átona final, também não foram identificados, no *corpus* analisado, casos de rima entre sílaba aberta e sílaba travada por sibilante ou nasal.

Com base no exposto, pode-se dizer que as rimas e a grafia das CSM comprovam a ocorrência de um fonema /a/ em posição átona final, no PA, mas nada informam a respeito de possíveis variações fonéticas na realização desse fonema, naquele momento da língua.

Sistema vocálico do PA em posição átona final

Tendo em vista o que foi apresentado neste capítulo sobre os grafemas vocálicos, identificados nas CSM em posição átona final, pode-se dizer que os dados obtidos levam-nos a acreditar que o sistema fonológico de vogais átonas finais do PA era constituído de três vogais, que podem ser representadas da seguinte maneira:

(4.130)

/e/ /o/
 /a/